

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

CARLA SOFIA DIAS BRASIL

**A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA:
UM ESTUDO DOS NÍVEIS DE REFLEXÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**FLORIANÓPOLIS
2009**

CARLA SOFIA DIAS BRASIL

**A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA:
UM ESTUDO DOS NÍVEIS DE REFLEXÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr^a Sonia Maria Martins de Melo

**FLORIANÓPOLIS
2009**

CARLA SOFIA DIAS BRASIL

**A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA:
UM ESTUDO DOS NÍVEIS DE REFLEXÃO À PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Banca Examinadora:

Orientadora:

Prof^a. Dr^a Sonia Maria Martins de Melo
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro:

Prof^a. Dr^a Isabel Cristina da Cunha
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Membro:

Prof^a. Dr^a Ademilde Silveira Sartori
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro:

Prof^a. Dr^a Martha Kaschny Borges
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Florianópolis, SC, 30 de junho de 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os seres que colaboraram para que esse trabalho chegasse a essa etapa final, a Dissertação.

A meus familiares que perdoaram minha ausência e falta de tempo até mesmo para as trivialidades.

Aos amigos que suportaram a falta de ânimo e de tempo para encontrá-los nas pequenas oportunidades em que todos conseguiam conciliar as agendas.

À UDESC, e a sociedade catarinense, por oportunizar meu acesso a uma educação pública de qualidade, desde minha graduação até o mestrado.

A minha orientadora, pela paciência e cumplicidade com uma orientanda com pouco tempo para produzir e pelo rigor metodológico e teórico com que orientou meu trabalho.

As professoras membros das Bancas, pela disponibilidade, atenção e contribuições.

À Bruna, por me acompanhar bravamente até quase o final dessa caminhada.

“Há momentos na vida em que a questão
de saber se alguém pode pensar de um modo diferente
de como pensa e sentir de um modo diferente
de como sente é indispensável
para continuar observando e refletindo”.

Michel Foucault

“Já sei namorar
Já sei beijar de língua
Agora, só me resta sonhar”

*Arnaldo Antunes, Carlinhos
Brown e Marisa Monte*

RESUMO

BRASIL, Carla Sofia Dias. A Formação de Educadores na Educação Sexual Emancipatória: Um Estudo dos Níveis de Reflexão à Prática Pedagógica. 2009, 73p. Dissertação (Mestrado em Educação – Área: Educação; Linha: Educação, Comunicação e Tecnologia) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, 2009.

Essa pesquisa de mestrado procurou contribuir com a formação na área da educação, formação de educadores e educação sexual, fazendo um levantamento de lacunas existentes na área, identificados na trajetória pessoal da pesquisadora e junto ao grupo de pesquisa do qual faz parte. Essa investigação se deu por pesquisa de cunho qualitativo, com as metodologias de pesquisa bibliográfica e documental (questionários já coletados em pesquisa de iniciação científica) e a partir dos indicadores levantados por meio da leitura dos depoimentos acerca do processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos egressos, onde relataram: como percebiam o processo de educação sexual vivido na infância, na família e na escola, qual era a sua postura de educador em sala com relação à temática educação sexual antes do estudo intencional da temática e quais as contribuições da Disciplina de Educação e Sexualidade para as suas práticas pedagógicas. Esses indicadores foram categorizados com o auxílio da metodologia da Análise de Conteúdo baseada em Bardin(1979). O objetivo geral desse trabalho foi contribuir para a caminhada desses educadores, na perspectiva de uma formação intencional em educação sexual emancipatória considerando que somos todos seres sexuados e que não há como separar a sexualidade das outras dimensões humanas. O objetivo específico materializou-se num estudo dos seus níveis de reflexão sobre a temática e sua repercussão na prática pedagógica dos pesquisados. Os resultados apontaram níveis de reflexão diferenciados, com manifestações variadas em suas práticas pedagógicas. Esses dados devem ser levados em consideração em qualquer movimento de revisão de disciplinas e ou currículos de formação de educadores. Considera-se que é com a formação de educadores num processo intencional de construção da emancipação humana, aí incluída a dimensão da educação sexual que poder-se-á obter avanços significativos na educação brasileira. Propostas curriculares que respeitem os níveis de reflexão dos educadores e as expressões desses nas práticas pedagógicas deverão ser utilizadas como ponto de partida de qualquer proposta de formação de educadores e educação sexual.

Palavras-Chave: Educação, Formação de Educadores, Educação Sexual, Sexualidade, Professor Reflexivo, Educação Sexual Emancipatória.

ABSTRACT

BRAZIL, Carla Sofia Dias. Emancipatory sex education curriculum in a training course for teachers: a study of levels of reflection on teaching. 2009, 65p. Dissertation (Master of Education - Area: Education; Line: Education, Communication and Technology) - University of the State of Santa Catarina. Post Graduate Program in Education, Florianópolis, 2009.

This master's research sought to contribute with the formation in the area of education, formation of educators and sexual education, doing a survey of existing gaps in the area, identified in the personal trajectory of the researcher and next to the group of research of which is part. This investigation if it gave by research of qualitative matrix, with methodologies of documentary bibliographical research and (collected questionnaires already in research of scientific initiation) and from the indicators raised by means of the reading of depositions concerning the teach-learning process of the egresses academics, where they had told: as they perceived the process of sexual education lived in infancy, in family and in school, which age its position of educator in room with relation to the thematic sexual education before thematic the intentional study of and which the contributions of Discipline of Education and Sexuality for its practical pedagogical. These indicators were categorized with the aid of the methodology of the Analysis of Content based on Bardin (1979). The objective specific do materialize in study this levels of reflection about the thematic and your repercussion in the pedagogy practice this inquire. The results indicate levels distincts of the reflexion, with distincts manifestations in your practice pedagogy. This results need be considerates in anything revision of curriculum of training for educators. Considerate be with the training for educators in this intencional process that can work the intentional sexual education contributing with the construction of a emancipatory approach for the live it human, obtained advancement signification in the brazilian education. Proposal curriculum respect the levels distincts of the reflexion this educators and yours expression in your pedagogy practice need be use star point in anything proposal of training for educators.

Keywords: Education, Training for Educators, Intentional Sexual Education, Sexuality, Professor Reflexive, Education Sexual emancipation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAMINHOS PERCORRIDOS	10
1. EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E AS VERTENTES PEDAGOGICAS	14
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	29
3. O LEVANTAMENTO DAS CATEGORIAS	48
3.1 Categoria Prática Espontânea:	49
3.2 Categoria Prática Anunciada:	50
3.3 Categoria Professor Reflexivo	52
3.4 Categoria Formação de Educadores e Educação Sexual.....	54
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

Este trabalho aqui apresentado é o resultado da pesquisa de mestrado, intitulada “A Formação de Educadores na Educação Sexual Emancipatória: Um Estudo dos Níveis de Reflexão à Prática Pedagógica”, que procurou contribuir com a formação na área da educação, formação de educadores e educação sexual, fazendo um levantamento de lacunas existentes na área, identificados na trajetória pessoal da pesquisadora e junto ao grupo de pesquisa do qual faz parte.

Essa investigação se deu por pesquisa de cunho qualitativo, com as metodologias de pesquisa bibliográfica e documental (questionários já coletados em pesquisa de iniciação científica) e a partir dos indicadores levantados por meio da leitura dos depoimentos sobre o processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos egressos de um curso de Pedagogia, onde relataram: como percebiam o processo de educação sexual vivido na infância, na família e na escola, qual era a sua postura de educador em sala com relação à educação sexual antes do estudo intencional da temática e quais as contribuições da Disciplina de Educação e Sexualidade para as suas práticas pedagógicas. Esses indicadores foram categorizados com o auxílio da metodologia da Análise de Conteúdo baseada em Bardin(1979).

O objetivo geral desse trabalho foi contribuir para a caminhada desses e de outros educadores, na perspectiva de uma formação intencional em educação sexual emancipatória. O objetivo específico materializou-se num estudo dos seus níveis de reflexão a respeito da temática e sua repercussão na prática pedagógica dos pesquisados.

Os resultados apontaram níveis de reflexão diferenciados, com manifestações variadas em suas práticas pedagógicas, como todo e qualquer estudo que vise pesquisar o ser humano e seu modo de ver, agir e refletir a respeito de algo. Esses dados devem ser levados em consideração em qualquer movimento de revisão de disciplinas e ou currículos de formação de educadores.

Considera-se que é com a formação de educadores num processo intencional de construção da emancipação humana, aí incluída a dimensão da educação sexual, é que poder-se-á obter avanços significativos na educação brasileira.

Propostas curriculares que intencionalmente respeitem os níveis de reflexão dos educadores e as expressões desses nas práticas pedagógicas deverão ser utilizadas como ponto de partida de qualquer proposta de formação de educadores.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Minha trajetória como educadora começou cedo, pois venho de uma família de professoras, minha Avó, Mãe e Irmãs mais velhas também foram e/ou são até hoje professoras.

Cursei Magistério no Ensino Médio, e hoje sou Pedagoga habilitada para lecionar nas Séries Iniciais e para atuar como Supervisora Escolar. Atuei como professora no curso de Pedagogia do Centro de Educação a Distância – CEAD, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, trabalhando na Disciplina de Direitos Humanos e Cidadania e na Tutoria on line e atualmente trabalho no Ensino Superior, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac de Santa Catarina.

Já minha trajetória como pesquisadora na área da educação se iniciou ainda na graduação, como bolsista de Iniciação Científica do CNPq: inicialmente pesquisei Educação a Distância, com o Projeto Avaliação Diagnóstica do Processo de Implementação do Curso de Pedagogia Habilitação Magistério nas Séries Iniciais e Educação Infantil na Modalidade a Distância da UDESC, em 2003, sob orientação da professora Maria Teresa Amaral Costa. Neste projeto pesquisamos a práxis das alunas do curso de Pedagogia, investigamos as implicações do currículo disponibilizado no curso frente às necessidades do cotidiano das acadêmicas na sua prática pedagógica nas escolas. Foram entrevistados os idealizadores do Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância da UDESC, categorizamos suas falas, as idéias que eles tinham ao planejar o curso e o estabelecido concretamente na prática.

A seguir, no segundo semestre de 2003, continuei como pesquisadora de Iniciação Científica desta vez, no Projeto Contribuições da Disciplina de Educação e Sexualidade ao Currículo do Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância CEAD/UDESC: Um estudo das reflexões pedagógicas da Turma II, projeto ligado ao Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual, que acompanhava o desenvolvimento curricular da disciplina de Educação e Sexualidade no Curso de Pedagogia a distância da UDESC, como orientanda da professora Sonia Maria Martins de Melo.

Este projeto teve como objetivo pesquisar também a formação de educadores, mas com uma peculiaridade: na área de educação sexual, e com a orientação da docente titular da disciplina, o que possibilitou um diálogo próximo da teoria com a prática, disponibilizando momentos de reflexão e também reformulações, revisões constantes nesse fazer pedagógico da Educação Sexual. O projeto se estendeu até 2004. De 2004 para 2005 segui como pesquisadora de Iniciação Científica na mesma linha de projeto, só que acompanhando também a turma III.

No final de 2004 coleí grau em Pedagogia, habilitação em Séries Iniciais: No estágio curricular que realizei em uma primeira série do ensino fundamental nesse mesmo ano, deparei-me com a mesma situação que já havia presenciado por meio dos relatos das acadêmicas pesquisadas, a dúvida comum de como trabalhar educação sexual intencionalmente na escola? Como os pais receberão essa idéia? Será que minha formação auxiliará nesse processo de educação sexual?

Foi um grande desafio, e muito gratificante, iniciar um trabalho em que no primeiro dia os meninos não queriam um crachá amarelo por ser uma cor de menina, e ver que no final da caminhada eles se respeitavam com todas as diversidades do contexto em que viviam, de sexo, condição social e cultural. Foi muito enriquecedor ver que eles conseguiam viver em um clima de respeito considerando as diversas formações familiares e de gênero que a eles se apresentavam.

Ao participar dessa experiência, pude perceber que as crianças estão abertas e bastante receptivas às novas formas de ver o mundo, a forma em que as pessoas vivem hoje, às famílias que se apresentam de diversas formas, umas com pai, mãe e irmãos, outras com mãe e irmãos, com avós, com duas mães, com dois pais, sem pais. O importante é que oportunizemos a elas ver e conviver com as diversas conformações sociais que hoje estão mais explicitadas, e ajudá-las a conviver com essas realidades com serenidade e respeito. Mas a dúvida continuava: os educadores(as), estão preparados para lidar intencionalmente com a sua sexualidade, e com a de outros?

Em 2005 voltei a estudar para uma nova habilitação em Pedagogia, Supervisão Escolar, e continuei trabalhando com Pesquisa na Iniciação Científica: o Grupo de Pesquisa, Formação de Educadores e Educação Sexual passou então a trabalhar em uma pesquisa com os egressos do curso de Pedagogia na modalidade a distância, com o projeto “Resgate das memórias e avaliação do processo de

inserção intencional da temática educação sexual na formação de educadores na UDESC de 1988 a 2005”¹. Pesquisa integrada, na qual foram acompanhados os acadêmicos de todas as três turmas já concluídas do curso de Pedagogia na modalidade a distância, essa pesquisa foi finalizada com a coleta dos questionários por meio dos quais foram feitas as indagações a respeito da educação sexual recebida por esses/as educadores/as, até a educação sexual intencional por eles praticada. Foram os textos desse projeto de pesquisa que trabalhei na minha pesquisa para a dissertação.

A Iniciação Científica ajudou a criar em mim a cultura de pesquisadora, não que já não gostasse de estudar, mas no sentido de entender que, para pesquisar e escrever a respeito do pesquisado, é preciso método, disciplina, afastamento e ainda estudar profundamente o assunto em foco.

Estas pesquisas enriqueceram meus conhecimentos nas duas áreas, educação sexual e educação a distância, mas principalmente: sinalizaram com a possibilidade contribuir para a melhoria da qualidade da educação, mesmo que de forma localizada, pesquisando em uma disciplina pioneira de um curso de Pedagogia, na área do conhecimento da educação sexual, visando contribuir com o processo de formação de educadores. Oportunizou a mim e a todos os envolvidos nos projetos, pois trabalharmos na área das Ciências Humanas para que o conhecimento produzido na academia não ficasse somente nas estantes em suas bibliotecas. Como nos diz Santos (2003, p.90):

Na ciência moderna a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum par o conhecimento científico; na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o senso comum.

Portanto, a proposta de pesquisa de mestrado teve como objetivo, a partir das contribuições da inserção da disciplina Educação e Sexualidade ao currículo de Pedagogia na modalidade a distância CEAD/UDESC, na perspectiva dos/as seus egressos, identificar os níveis de reflexão dos educadores sobre a temática e as expressões desses níveis em suas praticas pedagógicas. A partir desse estudo após a categorização, fomos buscar um diálogo e um aprofundamento teórico com

¹ 1988 a 2005, período delimitado para ser realizado o levantamento histórico. 1988 início do processo de estudo realizado na FAED - Faculdade de Educação/UDESC, da proposta de educação sexual intencional nas escolas.

as categorias levantadas, para contribuir com as práticas pedagógicas dos futuros educadores em formação. O resultado poderá contribuir também para que os educadores e educadoras melhor compreendam as manifestações da sexualidade de seus alunos e alunas proporcionando momentos de discussões a respeito da relação dessa teoria com a prática vivida no cotidiano escolar.

Portanto, essa investigação se deu por pesquisa realizada por meio da análise dos questionários já coletados em final da pesquisa de iniciação científica, como foi explicado anteriormente, e a partir dos indicadores levantados por meio da leitura dos depoimentos sobre o processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos egressos, onde relataram: como percebiam o processo de educação sexual vivido na infância, na família e na escola, qual era a sua postura de educador em sala com a relação à temática educação sexual antes do estudo intencional da temática e quais as contribuições da Disciplina de Educação e Sexualidade para as suas práticas pedagógicas. Esses indicadores foram categorizados com o auxílio da metodologia da Análise de Conteúdo baseada em Bardin (1979), buscando compreender seus níveis de reflexão sobre a prática vivida.

Para entender todo esse processo de formação de educadores e educação sexual sob o ponto de vista da educação sexual emancipatória, que é a perspectiva com que foi trabalhada toda essa pesquisa, bem como a formação desses(as) acadêmicos(as) egressos(as), apresenta-se a seguir, inicialmente um panorama sintético da educação sexual no Brasil e as vertentes pedagógicas, sendo que a vertente emancipatória é uma das abordagens estudadas.

1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E AS VERTENTES PEDAGÓGICAS

O que é emancipar? Qual o conceito de emancipar? O que entendemos por educação sexual emancipatória e por que trabalhá-la intencionalmente na formação de professores?

A proposta deste capítulo é discutir sinteticamente estas questões, para contribuir com propostas de inclusão de espaços de discussão a respeito da educação sexual intencional na abordagem emancipatória nos cursos de formação de professores e subsidiar as discussões que serão feitas acerca da Educação Sexual Emancipatória no decorrer desta dissertação.

Entendemos que educação sexual emancipatória é feita quando trabalhamos a educação sexual sob o ponto de vista dessa teoria, com intencionalidade, planejando nossas ações, estudando para isso. Se considerarmos a sexualidade como dimensão humana, inerente a todos nós, entendemos que todas as pessoas são educadores sexuais, só que na maioria das vezes, sem a intencionalidade, sem ter consciência disso, sem a intencionalidade crítica necessária.

Mas o que é realmente emancipar, como podemos trabalhar para a emancipação na formação de professores?

No dicionário Houaiss (2009, p. 731), a definição de emancipar, é tornar-se independente, liberta-se, eximir-se do pátrio poder, pôr fora de tutela. Para o dicionário do pensamento marxista, a emancipação está relacionada com a liberdade, em nível da supressão dos obstáculos à emancipação humana.

Em Pogrebinski (2004, p.7-8), vemos que a origem do conceito de emancipação, em sua formulação latina original *emancipatio*, deriva de *emanu capere*, enquanto ato jurídico através do qual o *paterfamilias* da República Romana tinha autorização para libertar seu filho do pátrio poder. Este conceito é retomado pelo projeto do iluminismo, por meio dos ideários de liberdade e igualdade, inspiradores da Revolução Francesa. Neste contexto, o conceito de emancipação é também apresentado na perspectiva de auto-emancipação, passando a ser ação do próprio sujeito. Portanto, se na Roma republicana a autoridade que proporcionava a emancipação era o *paterfamilias*, na Idade Média ela passa a ser o direito emanado do Estado, tem-se, portanto, a emancipação no campo público, político.

Para Marx (1979, p.46): “A emancipação humana só é realizada quando o homem reconhece e organiza as suas próprias forças sociais, deixando de separar de si a força social sob a forma de força política.”

Segundo Pucci (1994), a Escola de Frankfurt trabalha o conceito de Emancipação, na obra Educação para a Emancipação (1994), na qual Adorno conversa com Becker e Kadelbach a respeito do processo educacional e a prática emancipatória. Na mesma obra, Adorno retoma o desafio de oposição à barbárie, a partir de uma educação para a emancipação.

Para Adorno, citado por Pucci (1994, p.61) o objetivo da educação estaria na emancipação (“Muendigkeit”), termo que associa a maioridade à autonomia da “voz ativa” (“Mund”=boca), uso autônomo da razão, como momento fundamental do ser esclarecido.

Hegel, citado por Pucci (1994, p.62), em sua Fenomenologia do Espírito, coloca que em certo sentido, emancipação é o mesmo que conscientização, racionalidade. A racionalidade, porém sempre envolve um momento de adaptação.

Maar, (1994, p.70), também citado por Pucci, coloca que esse é o espaço para uma *dialética da emancipação*: a relação com a realidade – como o externo com relação ao sujeito – apreendida como contraditória, em sua relação com o sujeito: pela necessidade de se adaptar, e pela necessidade de não se limitar à adaptação, mas recorrer à resistência contra o que a adaptação significa em termos de imposição da realidade com algo meramente “exterior”.

Para a teoria crítica², a emancipação se desenvolve em dois momentos, se completando, por meio da pesquisa da racionalidade instrumentalizada e da reflexão imanente no âmbito da racionalidade, visando expor como contradições as experiências travadas, tornando-as conscientes, jogando os conceitos contra a realidade, revelando por esta via nexos com a verdadeira essência dos homens como realidade racional. E esses simplificados tornam-se fundamentais para tratarmos da questão da sexualidade.

Para Silva (2001, p.74-75) a sexualidade é uma dimensão dialética, e por isso deve ser trabalhada de forma humanizada, dinâmica e contextualizada,

² Teoria Crítica tem como principal característica o fato de não considerar o marxismo como um corpo acabado de verdades. Considera como principal objetivo do marxismo o impulso para a mudança na realidade social. (Pucci, 1994,p.15).

A dialética do mundo e das coisas deriva de sua intrínseca característica de mudança e contradição. Na consideração da realidade e do devir do mundo e da vida, na consideração da história e da cultura, a dialética é a forma de maior fidelidade ao dinamismo do mundo da natureza e da diversidade da cultura e do agir humano, subjetivo e coletivo, na sociedade e na civilização. Muito mais ainda expressa a sexualidade esta dialeticidade. A sexualidade consubstancia uma das mais íntimas e intrínsecas expressões da individualidade e, ao mesmo tempo, condensa os valores, as significações e determinantes, morais e éticos de sua construção histórica e social. É o lugar contraditório da expressão do ser e o exercício mais cruel da dominação e do não-ser das coisas e das pessoas.

Ao trabalhar-se a sexualidade como dimensão dialética, como toda relação que envolve seres humanos, é preciso considerar vários fatores, históricos, educacionais, biológicos, psicológicos, antropológicos, pois o “ser humano” não é pleno ao viver e agir sob um único prisma.

A sexualidade só é emancipadora quando todos estes fatores podem ser considerados de forma lúcida, consciente e autônoma, pelos sujeitos envolvidos e é por isto que a seguir será feita uma sintetize das vertentes dominantes da educação sexual no Brasil, trabalhadas por Nunes (1996), para que seja possível identificar estas formas de ver e agir com relação a sexualidade que se expressam, entrelaçadas até hoje no nosso cotidiano, apesar de muitas vezes pensar-se ser os agentes das escolhas feitas e dos comportamentos adotados e no entanto era-se e ainda o é mero seguidor do que está posto, sem questionar quem assim o decidiu.

Nunes(1996), um dos precursores da proposta de abordagem da Educação Sexual Emancipatória no Brasil, coloca que a sexualidade e a educação sexual, passaram por várias manifestações sociais, conforme a época histórica em que se viveu.

Para situar os leitores/as na sua teoria da Educação Sexual Emancipatória serão apresentados breves relatos destas vertentes dominantes da educação sexual, para que se possa caracterizar os relatos feitos pelos/as educadores/as e identificar o porquê de estudar e propor trabalhar na construção do conhecimento na área da educação sexual por meio da vertente de educação sexual emancipatória.

Uma das primeiras concepções que Nunes (1996) aborda em sua tese de doutoramento é a vertente Médico-Biologista. Para o autor, essa abordagem da sexualidade a coloca sob uma visão reducionista baseada nos preceitos das

ciências naturais aplicados às ciências humanas, com uma visão positivista que reduz a sexualidade a uma dimensão funcionalista, tendo o paradigma da natureza como determinista da condição humana.

Essa abordagem considera o ser humano apenas como um conjunto de aparelhos com funções biológicas determinadas. Para essa abordagem a evolução natural darwinista é a única lei. Aborda a sexualidade com o foco na função procriativa, sem considerar seu significado histórico, ético e cultural.

Baseando-se nessa abordagem, segundo Nunes (1996), para estudar a sexualidade, bastaria compreender o funcionamento dos aparelhos reprodutivos na evolução animal, para ensiná-lo às crianças e adolescentes.

Os livros de ciências, cursos e os ensinamentos baseados na vertente médico-biologista foram muito utilizados na década de 1970 a 1980. Esse discurso médico serviu como reforço para o mesmo discurso conservador institucional que regia a sociedade brasileira dessa época. O sexo era abordado somente como fator de perpetuação da espécie.

Muitas das educadoras entrevistadas nessa pesquisa relatam terem recebido educação sexual baseada nos livros de ciências, onde estudavam o corpo humano, o aparelho reprodutor masculino e feminino, na maioria das vezes, as meninas eram separadas dos meninos para assistirem a essas explicações, cada sexo recebia uma forma de abordagem.

Para Nunes (1996), a sexualidade nessa época era questão unicamente de saúde reprodutiva, onde, para “tratar” as doenças sexuais eram utilizadas medidas restritivas, receituários médicos de tratamento, e muitas vezes as manifestações da sexualidade eram consideradas patologias. Eram indicadas medidas de controle das doenças venéreas, pauta constante nas práticas medicinais ligadas a sexualidade. Era adotado um discurso conservador para amedrontar os adolescentes e jovens da época, numa tentativa de coibir a prática da sexualidade, quando os movimentos jovens da época pregavam o contrário.

No relato dos/as entrevistados/as, às meninas era ensinado a evitar o sexo, e aos meninos, era ensinado como os “machos” se protegiam de doenças. E isto tudo influenciando poderosamente as famílias e as escolas.

Esta abordagem de educação sexual é vista até os tempos atuais, pois o professor/a muitas vezes se vê obrigado a usar os livros de ciências e biologia como suporte para as aulas de sexualidade.

Nunes coloca que se chegou a definir esta forma de ver e fazer educação sexual como uma “versão agropecuária” da sexualidade, pela forma de como foi tratada a sexualidade, sempre sendo associada à sexualidade animal. Falava-se desde o pólen das abelhas até as galinhas para aproximar-se da abordagem humana. Ele é enfático ao dizer “que não se pode impunemente associar o mundo natural e físico ao mundo cultural e humano, é dever do educador distinguir amplamente estes muros”.

Há uma lacuna na formação de educadores nesta área do conhecimento que faz com que somente questões de mudanças físicas e biológicas, de reprodução e principalmente de anticoncepção sejam tratadas na sala de aula. Falta o preparo para trabalhar a sexualidade como um todo, levando em consideração os fatores sociais, emocionais e biológicos como partes indissociáveis de um todo que é a sexualidade humana.

Para Nunes (1996) a vertente Terapêutico-Descompressiva surge de uma junção de uma versão banalizada da psicologia freudiana associada aos meios de comunicação da atualidade. É uma associação de elementos irracionais, emocionais e sexuais próprios do século XIX, em uma época de confronto político do capitalismo com o socialismo.

Nesse período há a revolução sexual na Europa, passamos do mundo humanista para o materialista dos objetos e das coisas, onde o ser é depreciado em função do ter. O discurso segue a linha da descompressão das práticas. Há uma explosão da sexualidade de acordo com a lógica capitalista, a do consumismo. De acordo com Nunes (1996), Reich estuda as funções do orgasmo, acontece a liberação sexual, o capitalismo percebe o estímulo consumista que se acumulou na sociedade de repressão sexual que aconteceu anteriormente.

No Brasil, essa descompressão acontece em meio a ditadura militar e a massificação da televisão que apresenta programas de descompressão sexual, com a ausência da afetividade. Os meios de comunicação em massa pregavam a felicidade no consumo, incentivando a busca do prazer no cigarro, nos carros, e em vários outros tipos de mercadoria, associando sempre este consumismo ao prazer sexual. Os corpos do homem e da mulher são transformados em mercadoria sendo usados para vender qualquer tipo de produto. Esta massificação da sexualidade alcançou efeitos muito vistos nos dias de hoje.

Foi uma época em que tudo era regulado pela ditadura militar no Brasil, mas no que diz respeito a sexualidade houve uma tentativa de romper com as censuras impostas, adotando a liberação do sexo, pregando o dito “amor livre” , que no entanto se apresentou como uma outra forma de repressão, pois essa forma de viver e de ver o sexo e a sexualidade tornou-se uma imposição social muitos dos jovens.

Essa dita descompressão deu as pessoas que viveram sua juventude naquela época uma idéia de que a sexualidade foi vivida na plenitude, e o que se constatou foi que eles viveram uma nova forma, uma nova de regra para viver a sua sexualidade, onde a descompressão sexual era a ordem do momento.

A sexualidade também sempre foi tratada com normas e regras, e Nunes teorizou a respeito das instituições que estabeleceram normas e preceitos para regular essa dimensão humana, como será visto a seguir, com a vertente Normativa Institucional.

Nunes (1996) considera ser esta a vertente que disseminou os discursos institucionais, pois tratou a sexualidade com critérios da ordem e da conservação institucional.

As principais instituições a proclamarem esse discurso foram a Igreja e a Escola. Nessas instituições o discurso era administrar e controlar, ou vigiar e punir como colocou Foucault(1987). A cultura patriarcal era reforçada e disseminada por meio das “orientações” ou normas destinadas às novas gerações.

A família, apesar de ser o primeiro contato normativo das crianças, não consegue se sobrepor a mudança de seu papel institucional tradicional pelos papéis ditados pelos meios de comunicação em massa, que ditam comportamentos e respondem a questionamentos, o que antes era feito pela família. Nunes (1996, p.172) afirma que:

A família trancada em seu papel normativo e, ao mesmo tempo despida de discursos, capitula frente a uma sociedade multifacetada pelos meios de comunicação contemporâneos. A família não fala de sexo às crianças; quase sempre seus discursos são indiretos, embora tenham papel fundamental na construção e organização dos papéis sexuais.

Quando a família se exime de dar educação sexual aos seus membros, de forma direta, clara e com a afetividade que o vínculo que possuem possibilita, as instituições que deveriam ser secundárias nesta tarefa assumem o papel principal na

educação sexual das crianças e dos jovens. A escola e a igreja passam a ser educadoras sexuais destas crianças e jovens, de acordo com seus preceitos e preconceitos instituídos.

Ao ter contato com os questionários, pode-se perceber claramente a presença marcante dessa vertente na educação sexual recebida pela maioria dos/as entrevistados/as, eles/as relataram que uma ou outra, e muitas vezes as duas instituições foram cerceadoras da sexualidade desses/as educadores/as. As palavras que mais aparecem são:

“Tudo era proibido, velado, tabu, repressão, feio, preconceitos, falta de naturalidade, dúvidas, reprimido, vergonhoso”. Tanto na família como na escola o assunto sexo e sexualidade não era mencionado, esse tipo de conversa ou não existia, ou era censurada.

Essas instituições marcaram tão profundamente as pessoas com a regulação da sexualidade, que a geração seguinte se liberou dessas amarras de tal forma, que Nunes os chamou de “trepadores compulsivos”, inspirado em Marcuse, como veremos a seguir, na vertente Consumista-quantitativa pós moderna.

É considerada por Nunes (1996) vertente que compreende a sexualidade como sendo “permissiva”, presente na sociedade moderna e pós-moderna. Essa concepção encontra-se no pensamento de Herbert Marcuse, que fala que a sociedade capitalista contemporânea substitui a figura do pai pela figura do Estado e do Capital, vivendo com a opressão e a negação, negando o prazer, valorizando a racionalidade, a produção.

Nunes ressalta ainda que nessa sociedade o desejo é alienado pela produtividade, o sentido primeiro da vida é deixado de lado e o afeto desconsiderado. Formas compensatórias de viver estes desejos são apresentadas pela quantificação e mecanização das práticas sexuais e pela deserotização do corpo.

Na sexualidade isso se dá na quantificação das práticas sexuais, na desqualificação da repressão anterior, porém sem a compreensão do significado do sexo, levando a comportamentos quantitativos, mecânicos, onde o corpo é oferecido sem nunca oferecer a alma.

Essa é um pouco a forma como a sexualidade é tratada hoje, os jovens contabilizam quantos beijos foram dados, quantas transas aconteceram, quantos “torpedos” recebidos, quantos parceiros tiveram, sem pensar nos sentimentos que todas essas formas de se relacionar envolvem, na cumplicidade do se conhecer melhor, no respeito com o outro.

A personificação desta forma de comportamento sexual é a frase “a fila anda”. Não há um maior vínculo afetivo na relação, se por qualquer motivo a relação não der certo, passa-se para uma outra, não há uma disposição em debater a respeito das incompatibilidades. É mais fácil trocar de parceiro do que de atitude, do que tentar exercitar novas formas de ver a vida.

Já a educação sexual na vertente emancipatória é uma proposta de educação sexual para a libertação. Para Nunes (1996, p.227), “é aquela que nos dá condições de compreender a dinamicidade, a complexidade, a riqueza da sexualidade humana”.

Promover uma educação sexual emancipatória pressupõe educar para a liberdade, para a autonomia, livre dos tabus e preconceitos que envolvem a sexualidade humana. É educar para dialogar com o ser humano, libertando-o de formas de pensar estanques e impostas.

Nunes (1996, p.228) ressalta ainda de que maneira a sociedade propicia uma abordagem emancipatória de educação:

[...] a emancipação ou a intervenção emancipatória só é possível no mundo de homens igualmente livres e emancipados, capazes de trocas gratificantes e significativas de homens e mulheres que compreendam a dinamicidade do seu ser, e só se empenhem e se reconheçam nos outros[...].

Para que essa educação seja possível é preciso uma discussão a respeito da sexualidade humana, uma pesquisa de como é a educação sexual escolar praticada, e a abertura de espaços para uma fundamentação política, filosófica e pedagógica da temática, possibilitando assim um discurso científico e crítico a respeito da sexualidade, preconizando que cada homem seja sujeito da sua própria existência e de suas formas de sentir e conviver.

Para Nunes (1996) a ciência ao reconstruir as categorias históricas da sexualidade, da moral que a encerra e das finalidades axiológicas que a envolvem, deve fornecer parâmetros para que as crianças e adolescentes sejam sujeitos do seu descobrir o mundo, como ser pleno.

O mesmo autor preconiza também que a primeira contribuição pedagógica da educação sexual emancipatória seria ajudar a jovens e adultos que se percebam constituídos por uma sexualidade humanizada pela cultura e pela história, para que eles encontrem o seu norte, seu referencial. A sexualidade emancipatória também contempla marcos e limites, porém não com o caráter de sanções, medos, pecados, e sim com o papel de respeito ao espaço e ao querer do outro.

Essa compreensão da sexualidade está imersa nos recursos da ciência, superando as suposições e preceitos do senso comum. Para recorrer à ciência é preciso investigar também as implicações históricas e antropológicas, que dominação há entre os comportamentos econômicos e os comportamentos ideológicos sociais.

Para Nunes, a visão da totalidade deve ser preservada, pois a função da educação sexual é realizar uma intervenção de ordem social, assim mesmo não sendo função da escola, pois a formação ética é destinada ao núcleo familiar; a escola deve auxiliar contribuindo com uma formação ética social solidária, humanista, e emancipatória. O autor argumenta (1996, p.232):

Que a educação sexual seja componente fundamental dos currículos de formação de professores, que a professora, que o educador que se prepara para o magistério, para a pré-escola, para o primeiro grau, o segundo grau, para o magistério superior, possa ter ampla informação sobre a sexualidade historicamente construída, sobre psico-sexualidade infantil, sobre as etapas dos desenvolvimento sócio-emocionais das crianças, sobre o pensamento e afetividade infantil em cada época, sobre as condições antropológicas, sociológicas, sobre as dimensões sofridas dos rituais de passagem do mundo infantil para o mundo adulto, sobre os tantos dramas inúteis que acumulamos numa longa tradição de medo e sofrimento.

O autor acredita também que, com a formação adequada, a compreensão da sexualidade sairá do nível do senso comum, para um nível científico, histórico, social, e sendo assim os professores e professoras terão todas as condições de realizar um trabalho de educação sexual mais compreensivo e com propriedade. Argumenta ainda Nunes que nenhum educador estará sereno frente às perguntas e

manifestações da sexualidade infantil se não tiver um referencial teórico crítico e sólido a esse respeito, e que esse educador terá que superar a busca por receitas prontas para cada manifestação da sexualidade, e sim a partir de seus estudos e debates teóricos, agir contribuindo para a uma educação sexual emancipatória.

Já para Figueiró (2006) a educação sexual completa precisa ser “formativa e informativa” e essa é preciso ser compreendida como integrante de um processo maior de experiências pessoais ativas, dinâmicas, por meio das quais o indivíduo seleciona, absorve e incorpora as informações relacionas-as com as que já tem e as organiza.

Ribeiro (1990) defende que a orientação sexual(esse é o termo que ele utiliza, e que vem ao encontro do termo citado nesse trabalho como educação sexual), como institucionalizada, deve ser sistematizada, organizada e localizada, com a participação de profissionais capacitados para isso.

Mas como educar para a emancipação no mundo capitalista em que se vive, onde os bens materiais se sobrepõem aos valores éticos e solidários?

A escola, como instituição comumente utilizada para a educação em massa, encontra-se na contramão da educação emancipatória, por contribuir com uma forma de pensar repressora, desestimulando o pensamento crítico e inovador, como coloca Ribeiro da Silva (2007, p.17):

A escola legitimada como espaço de educação emancipadora não se realiza como tal. Tem sido mais um espaço de treinamento e desenvolvimento de algumas habilidades físicas e psicológicas e, ao invés de educação, tem se transformado num meio de adaptação e regressão do pensamento. Como vemos, estamos num emaranhado de idéias que nos convencem a todo instante de que esse é o meio legítimo e único de sobrevivência, conferindo-lhe uma naturalidade tão convincente que sequer nos atrevemos a pensar outras hipóteses.

Como o professor irá trabalhar com os alunos essa educação para a emancipação, nesse modelo de escola treinadora e repressora de pensamentos, quando os próprios educadores se vêem tomados por vários empregos, preocupados com a sua subsistência, trabalhando em várias escolas para poderem se manter.

Para Silva (2007, p.18), o fato dos formadores de educadores e dos educadores se preocuparem com isso já é um passo importante para a mudança na forma de ver e interagir como sociedade :

É claro que falar em possibilidades da educação emancipadora na sociedade hoje é um tanto idealista, visto que existe uma certa resistência ao conceito de educação para negar sua complexidade e até fugir dos problemas atuais. As possibilidades existem na educação, mas, numa sociedade em que os valores materiais estão acima de tudo e todos, parece não haver espaço para que essas possibilidades aconteçam. Porém, o fato de nos inquietarmos frente aos problemas atuais e quisermos compreendê-los nas suas relações históricas, econômicas e sociais, já é um ato de autonomia.

Educar emancipatoriamente é educar para a liberdade, para que a sexualidade seja vista como dimensão humana indissociável, já que todo ser humano é sempre sexuado e por isso todos têm a dimensão sexualidade como parte indissociável do seu modo de ser e agir, e tem o direito de praticar essa sexualidade sem punição, preconceito e estigmas de uma sociedade que foi formatada para a intolerância ao diferente do modelo definido como padrão aceito.

É importante trabalhar a sexualidade intencionalmente com os futuros professores nos cursos de formação, e também dos que já atuam na área, pois somente após se descobrir um indivíduo sexuado é que esse professor terá condições de estudar a respeito da temática para melhor trabalhá-la intencionalmente com seus alunos de modo tranquilo, com uma argumentação consciente, livre de preconceitos e censuras.

Melo (2004, p.278) ressalta que “um processo de ensino-aprendizagem cidadão é sempre com Seres encarnados, sexuados, impregnados de emoções e sentimentos, incluindo aí o prazer [...]”, valorizando a bagagem que o aluno traz para a construção do conhecimento, incentivando-o a reflexão coletiva e a valorização das necessidades do grupo, ou ainda ao sendo convictos de que a escola precisa difundir conteúdos vivos, indissociáveis da realidade social. É esse um dos papéis dos educadores, trabalhar coletivamente para a melhoria da qualidade de vida dos nossos educandos.

Como vemos em Silva (2001, p.265):

O enunciado como fundamentos da abordagem emancipatória está calcado na corroboração das premissas de que o professor ou educador sexual compreenda a sexualidade como processo de evolução contínua, ou seja, que ele compreenda que a sexualidade do adolescente é resultado das vivências sexuais da criança e assim sucessivamente. A outra premissa é a de que o professor incorpore a necessidade do aprofundamento sistemático das discussões teórico-científicas da sexualidade humana numa dinâmica de investigação fundamentada do sentido da vida em sociedade e da condição humana.

Como identificou Silva, o professor e a professora precisam ser capacitados, precisam ter momentos intencionais de estudos teóricos aprofundados, estudar criticamente a história da humanidade para entender essa construção social que hoje está estabelecida e perceber que o modelo de sexualidade adotado nem sempre foi esse que está posto hoje, que por exemplo, homossexualidade em outras épocas e culturas era uma forma de vida comum e até mesmo imposta, que em outras culturas o viver a sexualidade foi estimulado e não reprimido como em nesta atual sociedade ocidental, etc.

Esse estudo contribuirá também para os educadores e educadoras melhor compreenderem as manifestações da sexualidade de seus alunos e alunas e proporcionará momentos de discussões a respeito da relação dessa teoria com a prática educativa vivenciada na escola. Educadores e educadoras precisam estar cientes de que a escola é laica e que por isso não cabe naquele espaço a pregação de regras, preceitos e preconceitos com vínculos religiosos nas questões da sexualidade, dos relacionamentos e posturas dos discentes e de toda a comunidade escolar.

Refletir a respeito da função social da escola, para educar para a cidadania, e a respeito da importância da formação continuada do professor e da professora, para que esta os subsidiem nessa busca constante de uma melhor qualidade de ensino, é um requisito básico para um educador que busca educar para a emancipação. É durante esse trabalho de reflexão que o professor e a professora se colocam pedagogicamente plenos na relação de mediação que é o ato educativo, ao aliar os objetivos e finalidades aos interesses e conhecimentos dos alunos e alunas, favorecendo a dialogicidade, processo que envolve o conhece-se e conhecer o outro.

Como declara T.L.M., a respeito de sua postura como educadora sexual, após cursar a disciplina Educação e Sexualidade no curso de Pedagogia:

Depois de cursar a disciplina de Educação e Sexualidade, comecei a trabalhar de maneira bem clara e aberta e principalmente a ser mais atenta nas ações dos alunos. Nesta fase as crianças são muito curiosas, vêem os adultos agindo de modo que querem copiar e muitas vezes nem sabem o que estão fazendo.

Os pais foram chamados na escola e fizemos uma reunião, que combinamos que todas as curiosidades e necessidades dos alunos seriam esclarecidas, pois se isto não for feito, eles aprenderão de forma errônea e distorcida.

A educadora coloca a importância de ser clara ao educar seus alunos, de sanar as curiosidades de forma tranqüila e com propriedade. Ressalta também um ponto importantíssimo, a participação efetiva da família na educação sexual dos filhos.

Uma educação para a libertação, diferentemente de uma educação para a opressão, pressupõe um diálogo crítico entre pessoas livres. Paulo Freire considera ambos - educadores e educandos - como sujeitos do processo educacional. Tal concepção é, por sua vez, incompatível com a visão "bancária" da educação, onde os alunos são considerados meros "objetos" do processo educacional. Freire (1977, p. 67-68) defende que:

[...] a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique a superação da contradição educador-educando, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos. Na concepção "bancária" que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da "cultura do silêncio", a "educação bancária" mantém e estimula a contradição.

Considerar no ato de mediação pedagógica a intervenção direcionada do professor, com base nos objetivos e finalidades educativas das matérias escolares e na função social da escola é parte do modo de educar para a emancipação.

Paulo Freire, em seu livro *a Pedagogia do Oprimido* (2000), diz-nos que o diálogo é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo. É com esta mediação homem-mundo-conhecimento que será iniciado o processo de emancipação.

Ao utilizar a dialogicidade neste processo de mediação o professor e o aluno poderão chegar a uma síntese que pode possibilitar a mudança. Esta mudança

perpassa também pelo olhar do aluno, que, ao ver o professor como parceiro do aprendizado, concretiza a finalidade da escola, de maternidade da construção do conhecimento, já que o mais difícil é o aluno ver-se, bem como seus colegas, como colaboradores neste processo.

A professora Edna Silva (2001, p.255), em sua tese de doutoramento, evidencia a contribuição que a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, deu para a educação sexual no Brasil, ao inserir nos currículos educacionais os temas transversais. Esta nova abordagem da LDB dá a segurança de um preceito legal, como suporte aos professores que eram freqüentemente questionados do “por quê” ensinar educação sexual, e ainda obriga aqueles que nem pensavam nisso, a se prepararem e fazê-lo, oportunizando aos alunos uma educação plena, de seres sexuados que somos:

No Brasil vislumbramos hoje o que pode ser uma importante possibilidade de ampliação do trabalho em Educação Sexual através da inserção da *transversalidade* curricular instituída pela última Lei de Diretrizes e Bases da Educação - lei nº 9394/96. Para ampliar adequadamente este trabalho é preciso reduzir significativamente a deficiência de formação dos educadores no campo ao qual estamos em defesa. É preciso produzir trabalhos científicos que possam fornecer suporte ao cotidiano docente por melhores dias futuros quanto ao entendimento político e ético do que seja a sexualidade humana.

A LDB vem inovar na Educação no momento que reconhece a dimensão sexualidade como conhecimento a ser trabalhado, com uma representação comum que ela traz em forma de Lei. Essa inovação é um impulso à prática educativa intencional da educação sexual, pois estabelece que todos os estudantes do país deverão ter contato obrigatório com o tema da educação sexual.

Para garantir a qualidade destas intervenções, é preciso urgentemente trabalhar com a formação intencional de educadores que se saibam sempre sexuados nos cursos de formação de professores de todas as áreas da educação, não somente na Pedagogia.

Para que mais pesquisas nesta área aconteçam, é preciso que a sexualidade seja compreendida como “expressão densa e única de toda existência humana”. (NUNES, 1996, p.302).

Esta pesquisa bibliográfica a respeito dos pressupostos teóricos que norteiam a Educação Sexual Emancipatória foi realizada, para que, ao serem analisados os questionários, e levantadas as categorias, fosse possível contextualizá-las com as vertentes trabalhadas por Nunes (1996) e a partir dessa contextualização, levantar categorias próprias, ligadas ao nível de reflexão feito pelos egressos do curso de Pedagogia, com relação à educação sexual recebida ao longo das suas vidas, fosse ela intencional ou não.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa de mestrado contemplou, além da revisão bibliográfica de apoio teórico, a análise documental de 141 questionários previamente coletados, ao final de uma pesquisa de iniciação científica intitulada "Contribuições da disciplina Educação e Sexualidade ao Currículo do Curso de Pedagogia na modalidade a distância CEAD/UDESC: Um estudo das reflexões pedagógicas da Turma III" da qual participei em 2005.

Na fase final da referida pesquisa, foram enviados (via malote da UDESC) questionários para todos os cinco núcleos geográficos³ de EAD ligados a UDESC e distribuídos aos acadêmicos/as egressos/as do curso de Pedagogia na Modalidade a Distância do Centro de Educação a Distância-CEAD/ da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC para que esses respondessem, contribuindo assim para uma investigação mais aprofundada dos possíveis desdobramentos da sensibilização feita por meio da disciplina Educação Sexual existente na grade curricular do Curso. Dos 300 questionários enviados, retornaram 122 questionários.

A coleta foi feita nesta época pois o grupo de pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq-UDESC, ao qual a pesquisa estava ligada, decidiu que seria feita esta investigação para posterior estudo, complementando o que já fora feito. A seguir, uma breve síntese dessa caminhada de investigação até chegarmos aos questionários estudados.

A disciplina Educação Sexual, de 45 horas-aula, tem como proposta sensibilizar e iniciar o debate a respeito da sexualidade humana, seus desdobramentos no cotidiano escolar e principalmente na vida desses/as educadores/as. É uma disciplina obrigatória na grade curricular do Curso de Pedagogia do CEAD/UDESC, e foi acompanhada por meio de pesquisa de Iniciação Científica desde a sua primeira turma, a Turma Piloto(250 alunos).

Reverendo a caminhada anterior à aplicação dos questionários, registro que foi feito pelo grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual um estudo minucioso dos trabalhos finais da disciplina, foram pesquisados inicialmente os 250 textos finais da disciplina desta primeira turma, chamada Turma Piloto, bem

³ As regiões onde foram instalados pólos de EAD da UDESC foram divididas de acordo com as regiões do estado de Santa Catarina: Sul, Grande Florianópolis, Norte, Serrana e Oeste.

como, os 3.000 textos dos acadêmicos da turma II, e finalmente, amostras escolhidas pelas tutoras e tutores dentre os 9.000 textos correspondentes aos produzidos pelos acadêmicos-as da turma III.

Neste trabalho final foi solicitado a cada acadêmico(a) a produção de um texto crítico, bem estruturado, comentando a respeito das contribuições da Disciplina Educação e Sexualidade a sua prática pedagógica. O acompanhamento da análise de todos estes textos foi realizado por meio de Pesquisas de Iniciação Científica, referendadas pelo CNPq e pela Universidade do Estado de Santa Catarina, ligadas ao Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual.

Foi um trabalho árduo, devido ao volume de textos estudados, que foram categorizados com apoio da metodologia da análise de conteúdo baseada em Bardin (1979), cujos resultados já demonstraram a importância da sensibilização feita pela disciplina. Estes resultados levaram o Grupo de Pesquisa, a procurar uma forma de aprofundar ainda mais este estudo, para conhecer um pouco mais a respeito dos níveis de reflexão dos acadêmicos em relação as suas práticas pedagógicas.

Decidiu-se então, antes de finalizar a pesquisa fazer um contato final com os discentes agora formandos, acrescentar a aplicação de um questionário estruturado não previsto anteriormente, com quatro questões fundamentais, para pesquisar um pouco mais a respeito da vida desses/as educadores/as, sobre a educação sexual por eles/as recebida, a educação sexual estudada e a educação sexual praticada, e as possíveis contribuições da disciplina Educação e Sexualidade às suas práticas pedagógicas, bem como quais reflexos estas etapas de intervenções intencionais curriculares a respeito da sexualidade humana teve nos educadores/as.

São, portanto, estes os questionários utilizados nesta pesquisa de mestrado, questionários estes que estão sob a guarda do Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual. Foram enviados questionários a todos os núcleos, da UDESC, para todas as 05 regiões: Região Sul, região da Grande Florianópolis, Região Serrana, Região Oeste e Região Norte, como vemos no mapa abaixo.



Fonte: www.virtual.udesc.br.
Acessado em 14/03/2009.

O relato da caminhada percorrida já aponta para o delineamento da pesquisa.

Para Gil (1999, 65), o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados, pois a partir desta coleta este delineamento se divide em dois grandes grupos, as fontes de papel e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas.

No caso da pesquisa em questão, a coleta de dados foi feita nos questionários⁴ já respondidos em pesquisa anterior e inicialmente seguiu a seguinte estrutura metodológica:

1. Leitura do ofício de apresentação da pesquisa, da sua finalidade e de agradecimento pela colaboração. Nesta etapa foi identificada a realização de uma apresentação da pesquisa com a finalidade de sensibilizar o(a) acadêmico(a)-formando.

2. Estudo dos questionários, da página onde constavam os dados gerais dos participantes com: Identificação; Tempo de docência; Descrição a respeito do nível de ensino em que trabalha, disciplinas, turmas, entre outras informações.

⁴ A cópia digitalizada de um dos questionários respondidos encontra-se no final do trabalho, como documento anexado.

3. Leitura aprofundada do questionário propriamente dito, dividido em:

1ª Questão:

Você como criança e adolescente.

Como você percebeu seu processo de educação sexual na sua família e nas escolas que frequentou? Registre suas percepções abaixo.

2ª Questão:

Você como adulto/a: filho/a, pai/mãe, esposo/a, etc.,

Como você percebe esse processo de educação sexual acontecendo em sua vida adulta? Registre suas percepções abaixo.

3ª Questão:

Você como professor/a:

Antes do curso e da disciplina, como você percebia a temática no seu cotidiano escolar, e mais especificamente junto a seus/suas alunos/as? Como você agia em relação ao tema?

4ª Questão:

Hoje, após o término do Curso de Pedagogia, com a disciplina Educação e Sexualidade: como você percebe a temática no seu cotidiano escolar e como está agindo em relação à ela? Comente sobre seu cotidiano em sala de aula, com seus alunos.

O material pesquisado constou de 122 questionários, sendo vinte e cinco (25) da Região Sul, sete(07) da Região da Grande Florianópolis, doze(12) da Região Serrana, dezesseis(16) Região Oeste e dezoito(18) da Região Norte.

Registramos que ficou evidenciado no momento da nossa “coleta” junto ao material documental já levantado pela outra pesquisa já citada, que aplicou os questionários, que outros trinta e três (33) deles foram devolvidos pelos/as acadêmicos/as de várias outras localidades, alguns até de fora do Estado de Santa Catarina, pois esses acadêmicos já não residiam no núcleo onde iniciaram seus estudos, mas fizeram questão de contribuir com a pesquisa proposta. Dez dos

questionários respondidos foram desprezados por terem sido respondidos pelo/a tutor/a.

Levantamos que os/as participantes da pesquisa foram todos/as educadores/as, com a maioria trabalhando efetivamente na docência. Também foi possível verificar que a grande maioria desses participantes são mulheres, que dividem seu tempo diário entre a jornada de trabalho na escola, com as tarefas domésticas de mãe, esposa e dona de casa.

Na sequência, na etapa de análise, estes questionários foram relidos, indicadores foram levantados a luz da vertentes pedagógicas de educação sexual estudadas e depois analisados e categorizados com o uso da metodologia Análise de Conteúdo de Bardin (1979).

Terminada a etapa de coleta, na etapa seguinte, da análise dos dados, baseada nos indicadores pré-levantados, seguimos a metodologia da análise de conteúdo de Bardin (1979, p.89), desenvolvendo três fases, a pré-análise (com releitura), a exploração mais aprofundada do material e o tratamento dos dados, com a interpretação.

A releitura do material demandou em tempo de muita leitura de todos os questionários recebidos, para que, a partir da familiarização com as experiências vividas expressas por esses/as educadores/as pudessem ser feitas as primeiras sistematizações de idéias.

Foi uma etapa muito prazerosa, pois nesta fase percebeu-se a generosidade dessas pessoas em dividirem suas experiências mais íntimas e bem guardadas na memória, muitas vezes externalizadas pela primeira vez, como muitos/as registraram.

A identificação desta pesquisadora com muitos dos relatos foi inevitável, devido à profissão em comum. Com outros depoimentos a solidarização foi imediata, pois cada um/a destes/as educadores/as, em seu momento social e histórico, viveu repressões com relação a sua sexualidade. Repressões verbais, físicas, mentais, na família, na escola e na sociedade. Como não se indignar com isso?

Verificou-se que, dos 122 entrevistados/as, apenas 10 receberam algum tipo de educação sexual consideradas por eles/as como aberta, desvinculada de preconceito e cerceamento.

Então volta-se a perguntar, por que é possível “ensinar” a ler e escrever, a fazer contas, como sentar, como comer, como falar e não é possível mediar com humanidade a relação que os alunos têm com a sua sexualidade e com a do outro?

A seguir, nesta busca para contribuir com a construção de uma proposta intencional de educação sexual emancipatória, registro cada etapa da análise realizada segundo Bardin (1979). Na primeira etapa buscou-se conhecer mais profundamente os/as educadores/as.

Isto foi realizado, conforme já relatado, com a leitura da primeira página do questionário com a qual eles/as tiveram contato: existiu uma carta de apresentação da pesquisa, pedindo a colaboração com os estudos a respeito da disciplina EDUSEX, pedindo para conversar mais de perto com eles/as a respeito da educação sexual(anexo 01).

Na segunda página do questionário, foram pedidos os dados de identificação dos/as educadores/as nome(não era obrigatório responder essa folha), data de nascimento, estado civil, se tinham filhos e quantos, tempo de docência, entre outros dados(anexo 02).

Ao ler esta primeira parte pela segunda vez, com olhar mais atento aos detalhes, percebeu-se que se tratava na quase totalidade de um público feminino, entre trinta e cinquenta anos (considerando quem respondeu essa pergunta), todos/as trabalhavam na área da educação, e a maioria em sala de aula, do ensino fundamental e que apesar de terem vivido em famílias diferentes, em épocas diferentes, poucos/as registraram que haviam recebido uma educação sexual intencional e menos ainda que haviam recebido uma educação sexual emancipatória.

Vamos rever agora a primeira pergunta do questionário, na qual era perguntado:

Você como criança e adolescente.

Como você percebeu seu processo de educação sexual na sua família e nas escolas que frequentou? Registre suas percepções abaixo.

Percebeu-se que na maioria dos relatos, cento e um questionários (101), os/as acadêmicos/as não receberam uma educação sexual emancipatória, pelo contrário, afirmaram que eram considerados “assexuados”, tudo era proibido e feio, como indica o relato educadora M.G.:

A educação sexual na minha família e escola, não existiram. A sexualidade era vista, e a ela era dirigida, como algo feio, errado e além de tudo proibido de ser comentado, caso contrário, éramos merecedores das chamas do fogo eterno.

Eu praticamente menstruei com onze anos de idade, achando que tinha me machucado na lida da roça, por sair sangue dos meus órgãos genitais. Acho isto um absurdo acontecer o acontecia com as pessoas, seres humanos. Nossos pais e professores diziam somente que irá chegar o dia em que iria ficar mocinha, mas como e porque e onde, ninguém explicava.

Esse é um relato característico da vertente normativa-institucional, como foi visto no primeiro capítulo, sob a argumentação de Nunes (1996), quando registra a respeito da sexualidade sendo controlada pela família, igreja e pela escola.

Concorda-se com o autor que o que foi visto foi um fugir do enfrentamento, de uma maneira geral, pois nenhuma dessas instituições oficialmente designadas a educar, responsabilizou-se em fazê-lo intencionalmente com esta acadêmica em sua infância, sem saber que mesmo assim estaria educando-a pela omissão.

Para Nunes (1996, p.179) “professores, educadores, pais e mães em seus papéis institucionais tendem a ver as crianças reduzidas à um infantilismo, carregado de preconceitos, longe de uma compreensão dinâmica de sua evolução enquanto ser e pessoa.”

Mas para que a compreensão da sexualidade seja feita de forma dinâmica, segundo o mesmo autor, é preciso um estudo inicial intencional e uma formação continuada constante dos educadores com relação à sexualidade humana.

No relato da educadora L. R S., viu-se mais indícios de uma educação sexual com indicações da vertente Normativa-Institucional de que preconiza fala Nunes (1996), uma educação velada, carregada de preconceitos, discriminação e cerceamento de ações:

O meu processo de educação sexual, tanto na família como na escola foi permeado de algo vergonhoso, feio que não era assunto para criança muito menos para menina.

Em casa o pai dizia que menina brinca com menina, era proibido ficar ou brincar com meninos. Na escola lembro que um dia a profe ouviu eu dizer que tinha visto as “tetas”, seios de uma colega da 4ª série, me chamou

atenção perante toda a turma que fiquei de cabeça em cima da carteira um tempão.

Na família eu nem se quer ficava sabendo que a mãe ia ter mais filho(a). colocavam nós dormir e só chamavam quando já tinha nascido. Era tudo escondido, eu até acho estranho que fui conhecer meu corpo com 16, 17, 18 anos, não tenho recordações de espinhas, mudança, a menstruação era algo misterioso e tinha que segurar segredo nem a mãe, nem as irmãs falavam nada.

Ai se o pai via alguma das filhas depilar as pernas antes dos 15, ainda lembro das palavras amargas que ele disse para a minha irmã quando viu ela depilando as pernas.

Por tudo isso e muito mais afetou minha personalidade, por ter recebido uma educação onde mostrou o sexo como algo sujo, imoral e desenvolveu barreiras que hoje entendo muito bem.

Nunes (1996) ressalta que a curiosidade infantil não é satisfeita na maioria das vezes, e que esta, por ser o motor básico da evolução da criança, faz dela um pesquisador ávido, um perguntador sobre grandes respostas relacionadas à sua sexualidade. Ele argumenta ainda que essa curiosidade, quando não satisfeita pela família, que a transfere já transformada em ansiedade para a escola, instituição esta que na maioria das vezes também não atende aos anseios e dúvidas relacionadas a sexualidade de seus alunos, educando-os(as) pela omissão ou repressão.

A falta de formação na área da sexualidade humana leva os educadores a posicionamentos equivocados e castradores, como vimos no relato da educadora B. Como ela mesma colocou, essa falta de educação, de respostas aos questionamentos, de tranquilidade nos posicionamentos diante dos filhos/as e/ou alunos/as, contribuem para o reforço dos preconceitos, das informações mal intencionadas e traumatizantes, de equívocos a respeito do próprio corpo e da sexualidade que podem acompanhar esses educandos por boa parte da sua vida.

Houve poucos relatos, num total apenas de dez (10) onde os/as educadores/as consideraram que receberam uma educação sexual aberta, consciente e intencional, como veremos nos depoimentos que seguem.

Para M.C.S.R. na família havia abertura para as conversas a respeito da sexualidade:

Em minha família não tínhamos segredos, tudo era tratado naturalmente, o que não tínhamos em conversa aprendíamos com revistas que meus pais compravam para nós.

A educadora C.V.P. relata que apesar de ter sido criada pelos avós, que segundo ela, viveram em uma época de repressão e de muitos tabus com relação à sexualidade, recebeu deles uma educação sexual aberta:

Meus avós, estes hoje com setenta anos, sempre tiveram uma certa preocupação comigo e em nenhum momento omitiram situações (sexuais, corporais, sociais, etc) das quais eu passaria. Meu primeiro contato com a educação sexual foi quando meu corpo passava por transformações, dentre elas o ciclo menstrual, que não me assustava e eu estava preparada para tal situação. Meus avós apesar da idade e de terem convivido e vivido em tempos de repressões, tabus, preconceitos, souberam mostrar para mim que o principal no tema e na vivência Educação Sexual é o respeito, por si mesma e pelos outros.

A maioria dos relatos que se declara ter recebido uma educação sexual bem orientada, dita aberta pelos/as educadoras, menciona quase sempre tê-la recebida na família, mas B.C. F. diz ter recebido este tipo de educação sexual também na escola:

Como criança e adolescente fui muito bem orientada, pelos professores e principalmente por minha família, percebe que o processo de educação sexual é um registro que cada pessoa busca, não o importante é saber viver com seus princípios. Eu em particular não tive problema, pois fui orientada para a sexualidade de uma maneira muito bonita no qual pude perceber que o nosso corpo é um instrumento precioso.

Na quase totalidade, os depoimentos foram sobre uma educação sexual repressora, cheia de tabus e preconceitos religiosos e sociais, tanto na família como na escola, sendo que nessa última, para os pesquisados a preocupação maior era a de “ministrar o conteúdo” e “fugir das perguntas difíceis”, aquelas ligadas à sexualidade.

Em outro relato a acadêmica N. D. Z. coloca a falta de informações adequadas e de diálogo a respeito da sexualidade, tanto na família como na escola:

No decorrer da minha infância e adolescência pouca foi as vezes que em minha família ouvi falar sobre sexo e sexualidade, pois minha família era rígida, minha mãe por não ter recebido informações sobre o assunto quando adolescente não conversava sobre o assunto. A partir disto, por vergonha ou medo me restringia a não fazer perguntas sobre o assunto.

Na escola minhas dúvidas e curiosidades eram saneadas, não pelos professores, mas pelos colegas que muitas vezes nem era correto o que falavam.

Os pais e educadores, ao omitirem-se, ou não saberem, de seu papel como educadores sexuais, deixam seus filhos e alunos sem acesso às informações científicas e orientações sobre valores éticos-humanísticos universais a respeito da sexualidade, oportunizando que informações equivocadas, erradas e até mesmo mal intencionadas a respeito da sexualidade sejam o eixo de sua formação.

S.A.R.B. também faz um relato nesse sentido:

Na minha infância, a questão sexualidade era reprimida, não se comentava nada. Tudo era proibido, feio. Na adolescência as questões da sexualidade ainda continuavam sendo tabus, talvez por confundirem sexo com sexualidade, isso em relação à minha família. Lembro que a minha mãe dizia que quando estivesse menstruada ninguém deveria saber porque isso era coisa muito feia.

Para V. S. a falta de informações e orientação a respeito da sexualidade acontecia tanto na família como na escola:

Na escola não tinha diálogo era tudo abafado, falava-se pouco apenas o necessário. Em casa era pior, pois os pais tinham vergonha, mudavam de assunto ou falavam que era feio. Conhecia, sabia sobre o assunto através dos irmãos mais velhos e estes pelos amigos.

É preciso que os membros da família e da escola assumam formalmente o compromisso com a educação sexual intencional, assim como é assumido o compromisso com o ensino da matemática, da escrita, da leitura, afinal, o ser humano consegue viver sem fazer contas, sem ler, sem escrever, mas ninguém consegue viver sem sexo e sexualidade, pois todos nascemos sexuados e essa dimensão não pode ser deixada do lado de fora da sala de aula.

As palavras que mais foram recorrentes com relação à Educação Sexual recebida foram: “assunto delicado”, “feio”, “vergonhoso”, “reprimido”, entre outras. O que se viu foi que o primeiro contato formal com uma educação sexual emancipatória desses/as acadêmicos/as foi no ensino superior, no curso de Pedagogia.

V. S., que declarou ter não ter recebido uma educação sexual aberta, relata como é seu trabalho com os alunos após ter tido um contato formal inicial com a temática no curso de Pedagogia:

Hoje, posso dizer que falo e faço atividades e tenho conversas com naturalidade, mostrando aos meus alunos, que devemos respeitar e cuidar de nós e dos outros.

Minhas crianças na maioria não têm vergonha de perguntar e nem eu de responder e explicar.

Tenho dificuldades ainda, mas vou a cada dia me preparando e buscando mais informações e preparando estas para (explicar) que tenham informações significativas para suas vidas.

S.A.R.B, que disse ter recebido uma educação sexual repressora, cheia de tabus, coloca que após este contato inicial com a temática, sua visão e sua prática pedagógica mudou:

Hoje, vejo a importância de abordarmos o tema Sexualidade na escola, superando limites, aprender com os alunos, fazer parte de uma nova geração de educadores.

É preciso cada vez mais nos prepararmos para não cometermos os mesmos “erros” que nossos pais e professores cometeram.

D.N.S. declarou que na infância a educação sexual com a qual teve contato foi a escrita nos muros, paredes, portas de banheiros, mas que após o curso de Pedagogia consegue perceber a importância de estar bem preparada e a relevância da sua atuação como educadora sexual na escola onde trabalha:

Percebo a temática sexualidade de forma integrada com as experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, assim fica necessário reconhecer que desempenhamos um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar e que englobe diversas dimensões do ser humano.

Sabe-se que a oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado.

Trabalhando com as séries iniciais percebi que havia uma grande inquietação e curiosidade que a gravidez da secretária despertava nos alunos. Então tentei explicar através de uma história infantil sobre a referida questão, assim sendo tive uma ação crítica, reflexiva e educativa sobre o tema com os educandos da instituição.

Por isso volta-se a pergunta: por que os alunos/as são ensinados a ler, a escrever, a fazer contas, a falar outro idioma, a localizar-se geograficamente, e não

são ensinados que todo ser humano é sexuado, e tem desejos, sentimentos, aspirações?

Por que uma pessoa precisa esperar até seus 42 anos de idade para receber uma educação sexual com bases históricas, antropológicas, e científicas sólidas e cidadãs? Direitos sexuais são direitos humanos universais, e por isso devem estar previstos nos currículos em todos os níveis de ensino, seja como tema transversal ou como disciplina sensibilizadora, ou como ambos. Vejamos o que nos diz T.L.M.a respeito de seu trabalho na escola onde atua:

Antes do curso e da disciplina sempre tive facilidade de me relacionar com todos/as colegas de profissão, bem como meus alunos.

Porém com muitos assuntos surgidos em aula, não sabia como agir e reagir, com receio dos pais não aceitarem. Percebia que certas crianças sabiam muitas coisas e eram curiosíssimas, enquanto que outras eram bem ingênuas.

Depois de cursar a disciplina de Educação e Sexualidade, comecei a trabalhar de maneira bem clara e aberta e principalmente a ser mais atenta nas ações dos alunos. Os pais foram chamados na escola e fizemos uma reunião, em que combinamos que todas as curiosidades e necessidades dos alunos seriam esclarecidas, pois se isto não for feito eles aprenderão tudo de forma errônea e distorcida.

Essas são algumas das preocupações desta pesquisa e por isso tem como foco a ênfase formação de educadores, por ver nesse público-alvo a perspectiva de debater educação sexual com e para futuros multiplicadores.

Já a segunda questão da pesquisa pediu que o educador/a relatasse a educação sexual com a qual teve contato quando adulto/a:

Você como adulto/a: filho/a, pai/mãe, esposo/a, etc..

Como você percebe esse processo de educação sexual acontecendo em sua vida adulta? Registre suas percepções abaixo.

M.L.R relatou que:

Realmente percebo a educação sexual como um processo em minha vida, porque diariamente luto para me libertar da educação sexual repressora que recebi e confesso é difícil conseguir.

É com a formação de educadores/as que conseguir-se-á trabalhar dificuldades como a relatada pela professora M.L.R, que após quarenta anos de vida, pode ter contato com uma educação sexual para a emancipação, pode ter contato com fundamentos para a argumentação na sua prática de sala de aula, argumentos para a reflexão a respeito da educação sexual recebida e a que quer vivenciar em suas relações pedagógicas em sala de aula.

M.P. disse que:

Devido a educação que recebi ainda tenho muitos tabus. Percebo que hoje as crianças e adolescentes tem várias informações que na minha infância e adolescência não tive conhecimento. E essas informações são de fundamental importância para se viver uma vida onde conhecemos melhor e aprendemos a nos aceitar.

Já M.C.S. coloca que:

Acredito que houve uma revolução. Muita mudança, inovação.

Como filha, preservo algumas raízes bem como a religiosidade respeito, vergonha. Deixar de fazer determinadas coisas por vergonha.

Como mãe aproveito argumentos de minha infância para conversar com meus filhos para esclarecer determinadas dúvidas por eles levantadas.

Esses relatos demonstram que o acesso às informações pode contribuir para o início de um processo de diálogo a respeito da sexualidade, mas sobretudo, demonstra o quão difícil é o processo de desconstrução de uma vida de deseducação sexual termo utilizado por Bernardi(1985) para indicar processos equivocados de educação sexual, para ele uma verdadeira educação sexual precisa:

Um empenho político. Estou convencido de que esta educação sexual deve fundar-se essencialmente sobre um profundo respeito à sexualidade infantil. Mas o respeito pela sexualidade, em particular pela da criança, é também o respeito pela liberdade, e é esta a barreira que bloqueia a corrida dos pretensos educadores.

O ser humano, como ser sexuado e naturalmente social, precisa ter acesso às informações científicas a respeito do corpo, da sexualidade e suas

manifestações, bem como aos fatores psicológicos e sociais que essas manifestações envolvem, e sobretudo precisa do diálogo, da troca para trabalhar essas informações e a partir dessa reflexão saber agir com respeito a si e ao outro e ao mundo onde está inserido.

Nunes, (1996, p.49) argumenta que “os homens vivem cada vez mais alienados de si e da sua possibilidade de plenitude.” Como trabalhar na formação intencional de educadores a educação sexual para que esses possam desalienar-se e educar para a desalienação?

Na terceira questão o círculo se fecha. Investigamos a educação sexual recebida na infância e adolescência, na vida adulta, e aqui, nessa etapa procurou-se saber a respeito da atuação dos/as acadêmicos/as como educadores/as, que é o foco central da pesquisa, por meio dos seguintes questionamentos:

Você como professor/a:

1) Antes do curso e da disciplina, como você percebia a temática no seu cotidiano escolar, e mais especificamente junto a seus/suas alunos/as? Como você agia em relação ao tema?

Para a educadora M.P.:

A temática sexualidade era deixada de lado pois importava os conteúdos básicos e tinha preconceito devido a educação sexual que recebi no passado impregnada de senso comum. As curiosidades das crianças eram abafadas com novos conhecimentos sobre outro assunto. E assim deixava-se de lado a história de cada criança, em relação a sexualidade, às transformações nela ocorridas e a maneira de ser de cada um.

Boaventura Sousa Santos (2003) coloca que, o senso comum é um “conhecimento” evidente que pensa o que existe tal como existe e cuja função é a de reconciliar a todo custo a consciência comum consigo mesmo. É necessariamente um pensamento conservador e fixista.

Como relatou M.P. o que importava eram os conteúdos básicos, mas será que esta determinação do que é básico ou não na educação das crianças e jovens é

a melhor? Será que a escolha dos conhecimentos que serão trabalhados na escola não foi feita para reproduzir comportamentos conservadores?

Para que os/as educadores/as possam educar com bases científicas sólidas, para que possam trabalhar com referenciais teóricos de propriedade, é preciso que os cursos de formação contribuam com essa formação, que contemplem em seus currículos filosofia, história, psicologia, antropologia, sociologia, dentre outros campos educacionais, não se preocupando somente com a língua portuguesa e a matemática, mas contribuindo para que o futuro educador receba uma educação multidisciplinar, não priorizando algumas áreas em detrimento de outras.

Para outra educadora o relato tem outro aspecto, pois ela disse ter recebido na família uma educação sexual aberta e cidadã, pois a mãe era orientadora educacional e fazia também esse “papel” de educadora sexual na escola onde trabalhava:

Desde minha infância, tanto na escola como em família, tive a oportunidade de ter orientação sexual. A minha mãe sempre deu palestras na escola onde eu estudava e em outras escolas, era uma orientadora. Todas as dúvidas que eu pudesse ter era com ela que conversava e até mesmo eu tinha acesso a livros que tínhamos em casa.

Lembro-me também que a minha mãe sempre respondia o que eu perguntava, às vezes achava que eu ia além e ficava esperando. Quando surgia outra dúvida ou curiosidade voltava a conversar com ela.

Eu tive muita sorte de ter uma mãe especialista em “Educação Sexual” isso contribuiu muito para meu desenvolvimento e conhecimento sexual.

Reuven Feuerstein, citado por Varela (2007, p.114) salienta a importância do significado no contexto da transmissão cultural, e enfatiza que no mundo moderno, o diálogo entre pais e filhos, professores e alunos mostra-se insuficiente e frágil. Ele argumenta ainda que esse grande silêncio que existe acarreta consequências graves a curto, médio e longo prazo para a sociedade.

No depoimento em questão viu-se que o diálogo, a relação mediadora que ocorreu com essa educadora, contribuiu para que ela tivesse um desenvolvimento da sexualidade sereno, livre de preconceito e omissões, contribuindo para que se tornasse uma pessoa crítica e autônoma, incluída aí sua sexualidade.

Mas relembremos que S.A.R.B. expõe uma situação diferente da colega anterior, situação essa que infelizmente é a mais comum nos questionários estudados:

Trabalhar com tema sexualidade exige preparo, reflexão. Mesmo antes do curso e da disciplina a questão sexualidade já estava presente em nosso cotidiano e nos deixava embaraçadas, sem saber como lidar com as piadinhas, perguntas, etc. O curso e a disciplina vieram proporcionar um momento de reflexão, superação de limites e principalmente compreender que nós enquanto educadores temos um compromisso social de abordar explicitamente o tema sexualidade.

É preciso ver a sexualidade como algo importante na vida dos seres humanos, pois ela vai além de sexo, é sentimento, é emoção, é amor, é algo que só nossa espécie possui, enquanto sexo é algo que só define o gênero.

Procuro sempre dar abertura aos meus alunos para que façam seus questionamentos. Certa vez, quando estava falando do aparelho reprodutor(masc./fem.) quando todos saíram para o recreio um aluno ficou na sala, eu percebi que ele queria saber mais alguma coisa. Foi então que ele disse: - Como nascem as crianças?

Perguntei a ele: - Já perguntou a sua mãe?- perguntei professora, mas ela disse que isso não é coisa de perguntar; é feio. Expliquei a ele as duas formas de nascerem os bebês, o parto natural e a cesariana.(aluno da 4ª série).

Guimarães (1989, p.116) argumenta que “a escola tem um potencial enorme como educadora sexual secundária. [...] Deveríamos fazer dessa instituição educativa um veículo de expansão de uma mentalidade nova sobre a sexualidade.”

Esse seria o ideal de educação sexual que queremos, preparar nosso educadores para continuarem o trabalho de educação sexual iniciado na família, para exercerem esse papel de educadores sexuais secundários, mas na realidade escolar atual, como vimos no relato, e vemos no cotidiano escolar, a escola acaba fazendo o papel primário de educadora sexual, e muitas vezes a única educação sexual intencional que o indivíduo recebe durante toda sua vida. Quando a família se omite, a escola precisa se posicionar, exercer seu papel de educadora sexual de maneira intencional e criticamente preparada.

Na quarta e última pergunta do questionário, queríamos saber as percepções dos/as educadores/as após receberem por meio de uma disciplina, uma formação para educação sexual emancipatória intencional:

Você como professor/a:

2) Hoje, após o término do Curso de Pedagogia, com a disciplina Educação e Sexualidade: como você percebe a temática no seu cotidiano escolar e como está agindo em relação à ela? Comente sobre seu cotidiano em sala de aula, com seus alunos.

Como o foco central da pesquisa é a formação de educadores sexuais, as respostas dadas a essa última questão foram fundamentais ao serem analisadas e interpretadas, considerando, de acordo com Gil(1999,p.168)que:

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação e a interpretação procura o sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Como pode-se observar no depoimento dado por M.O., a fundamentação teórica proporcionada pela disciplina foi muito importante para a melhoria de seu trabalho como docente na escola:

O caderno de “Educação e Sexualidade” proporcionou base para a fundamentação teórica que estava incompleta no trabalho que eu desenvolvia até então. Hoje posso afirmar que tenho segurança em desenvolver as atividades referentes ao tema e sempre que posso estou incentivando outros professores a realizar esta prática na escola, para que juntos possamos amenizar tantos problemas relevantes que acontecem no cotidiano escolar.

E sendo nós professores responsáveis pela mediação do conhecimento, devemos nos capacitar para proporcionar ao aluno, sua família e à comunidade escolar, uma educação de qualidade.

O depoimento acima demonstra a importância que a formação teórica na área da Educação sexual tem no cotidiano escolar dos/as educadores/as. A bagagem teórica deu segurança para a educadora desenvolver um trabalho de qualidade e emancipador com seus alunos/as.

M.M.R. coloca que:

Como todas as crianças despertam interesse por este assunto, a disciplina Educação e Sexualidade me trouxe uma bagagem de conhecimento que me proporciona maior confiança e disponibilidade para trabalhar com as diversificadas manifestações expressas pelas crianças nos variados momentos do cotidiano escolar.

Esta temática se faz presente na sala de aula, sempre utilizo o diálogo e o respeito com meus alunos, pois, estes. São os pontos centrais para se oferecer um ensino de qualidade que desperte o interesse e se construa o conhecimento por parte de todos.

A educadora ressalta um ponto importante a ser considerado quando se propõe a formação de educadores para a educação sexual, é uma forte base teórica para que estes possam se articular na relação teoria e prática. Não há espaço para as “receitas prontas”. Todo educador que queira trabalhar a temática educação sexual precisa se preparar muito, pois cada aluno apresenta sua manifestação a respeito da sexualidade.

Os depoimentos vêm ao encontro da proposta da inserção da disciplina educação e sexualidade nos cursos de formação de educadores, demonstram uma mudança de comportamento dos/as educadores/as, após cursar esta disciplina. É evidente o ganho qualitativo no processo de ensino aprendizagem.

O depoimento de M.Z. parece corroborar a intenção pretendida pela inserção da disciplina no currículo do curso de Pedagogia, lembrando da segurança adquirida para trabalhar educação sexual na escola após o estudo teórico da temática:

Hoje, após o estudo percebo que mudei muito, pois consigo falar com mais calma sem ter medo que isso não seja assunto para mim. Até as crianças se sentem mais seguras, pois aprendem de forma correta e não buscando nas ruas respostas para suas perguntas.

A educadora B.C.F lembra no seu relato como a educação neste caso atende a uma das suas principais funções, a de transformar as pessoas, levá-las à reflexão e à mudança de comportamento:

Considerando este tema que envolve os educadores posso dar o meu contexto de que há alguns anos atrás não refletia sobre vários pontos, que manifesta ou melhor nos leva a cooperar e compreender que o processo de aprendizagem é magnífico como a Educação tem esta finalidade de

transformar as pessoas, este processo permite um diagnóstico de aprendizagem para a construção, quando buscamos refletir sobre os desafios de mudar e inovar como Educadores de uma sociedade mais justa e feliz.

Para M.F.O. estudar formalmente educação sexual fez com que ela visse esta dimensão humana sob outro prisma, sabendo que a inserção da temática nas rotinas escolares pode ser feita de diversas formas, com diferentes métodos de abordagem:

Estudar a educação e sexualidade na universidade, fez com que eu passasse a perceber que o assunto pode ser tratado de várias formas (reflexiva, pesquisa, etc) que leva a um resultado final responsável e dinâmico.

Após essa análise e interpretação prévias das respostas dadas nessa última questão, todas as respostas de todas as questões foram categorizadas a luz desses indicadores levantados, buscando identificar então o nível de reflexão que o acadêmico demonstrou em cada resposta dada, o que apresenta-se no próximo capítulo, surgindo daí o desvendamento das categorias.

3. O LEVANTAMENTO DAS CATEGORIAS

O levantamento das categorias foi um árduo trabalho, pois diante de tantos textos e opiniões, expressos em indicadores prévios, como organizá-los para esse estudo mais aprofundado?

Apesar da experiência da pesquisadora em iniciação científica, da familiaridade com a temática, da prática nesse tipo de leitura e metodologia de trabalho, categorizar esses depoimentos não foi fácil. As respostas foram muito ricas, brotando de todas elas os níveis de reflexão sobre a temática relacionados a prática pedagógica de cada pesquisado.

Como o objetivo de toda teoria é que ela auxilie na prática, as respostas foram categorizadas de acordo com a proximidade ou não com a prática pedagógica dos/as entrevistados/as, e o nível de reflexão a respeito da temática. E assim elas surgiram, as categorias.

Reverendo os passos seguidos na análise de conteúdo, sinteticamente registro as seguintes etapas:

1) Repetidas leituras dos questionários para familiarização inicial seguida de aprofundamento com um olhar mais atento as manifestações, mesmo as não tão explícitas, a luz a das vertentes pedagógicas apresentadas no capítulo inicial deste trabalho.

2) Levantamento de indicadores das categorias, em suas aproximações ou distanciamentos dos elementos característicos de cada vertente.

3) Definição de cada categoria com arbitramento de uma denominação para a mesma, a luz de trabalho de pesquisa realizado anteriormente por Melo, Brasil e Conceição (data), no projeto de pesquisa intitulado Contribuições da disciplina Educação e Sexualidade ao currículo do Curso de Pedagogia na modalidade a distância CEAD/UDESC: um estudo das reflexões pedagógicas da Turma II, que subsidiaram a escolha desta nomenclatura para as categorias levantadas.

A seguir as serão apresentadas as categorias.

3.1 CATEGORIA PRÁTICA ESPONTÂNEA:

Nessa categoria a prática aparece de forma espontânea, sem um diálogo explícito com a teoria estudada, nem com as metodologias de trabalho sugeridas durante a formação. Aqui, no calor da ação, o/a educador/a age com uma reflexão baseada na bagagem que carrega até o momento, sem um nível aprofundado de reflexão a respeito da atitude a ser tomada, ou não tomada, da palavra a ser dita ou omitida:

Sempre agi de forma natural com meus alunos. É claro que muitas vezes o assunto surgia e eu procurava uma forma de ignorá-lo, com receio de falar algo que prejudicasse na formação daquelas crianças. (I.E.B.)

Muitas vezes ao refletir e se sentir inseguro/a com a falta de opções, de como e o que fazer, o/a educador/a se omite.

Ribeiro (1990, 17) chama a atenção de que:

Recebendo informações distorcidas ou causadoras de dúvidas, o jovem não encontra espaço onde possa debater estas dúvidas e suas ansiedades, refletir sobre seus valores e conflitos, o que contribui para não conseguir viver sua sexualidade sem medo e sem culpa. É aí que a escola poderia se tornar um campo propício à orientação sexual, um lugar onde além de receber informações mais completas, os alunos pudessem pensar, questionar, raciocinar e estabelecer juízos de valor. Distorções trazidas desde a infância poderiam ser esclarecidas ou corrigidas.

A base teórica que esse/a educador/a recebeu até esse momento não foi suficiente para sensibilizá-lo/a para a temática sexualidade, ou ele/a não conseguiu ainda acomodar esse conhecimento, refletir a respeito para expressar-se em forma de atitudes ou palavras:

Como professora agia com muita cautela, pois trabalhar essa temática numa comunidade conservadora, exigia um certo jogo de cintura. Quase sempre tratava apenas das questões científicas contidas nos livros didáticos – nunca ou quase nunca relativos a vivências. Sempre no final do ano falava-se superficialmente sobre reprodução. (C.B.J)

O que vê-se nesse depoimento é uma intervenção baseada na vertente médico-biologista (NUNES,1996) da sexualidade, onde se trata somente das questões biológicas, da reprodução. A sexualidade é concebida como ato sem sentimentos, emoções e história. Como a reprodução é tratada nos livros de biologia, e é conteúdo obrigatório, “a escola precisa falar a respeito.”

O nível de reflexão no depoimento da acadêmica acima citado está de acordo com a bagagem de conhecimento biológico recebido, onde a sexualidade do indivíduo é restringida ao seu aparelho reprodutor.

Para Perrenoud (2002, p.33) essa é a reflexão que brota durante o calor da ação. Para ele nesse nível de reflexão tomamos várias micro-decisões, nas quais pensamos, mas não temos consciência disso. Para Schön (apud Pimenta, 2006, p.20), nesta etapa o conhecimento não é suficiente frente as novas situações que aparecem no cotidiano, levando os educadores a construírem novas soluções para a situação apresentada. Esse processo foi por ele denominado de reflexão na ação.

3.2 CATEGORIA PRÁTICA ANUNCIADA:

Essa categoria baseia-se em um nível de reflexão teórico a respeito de uma prática futura, com base em uma prática já vivenciada anteriormente.

Já há uma reflexão profunda, um diálogo do conhecimento acomodado com situações possíveis de acontecer em um futuro próximo. Só não foi explicitada ainda na forma de ação, de intervenção emancipatória de educação sexual:

Apesar de não ter conseguido me libertar totalmente das amarras da minha educação sexual, consegui o êxito da conscientização e meu trabalho pedagógico com a temática é direcionado por um conhecimento seguro, adquirido no curso.

Em sala de aula, anterior ao curso, quando percebia que uma criança manipulava seus órgãos genitais, pensava que “estava errado” e repreendia. Após o curso sei que a criança age assim porque está se auto-conhecendo. (M.L.R.).

Esse nível de reflexão é o que todos os educadores que trabalham com a formação de educadores para a educação sexual buscam, que o profissional possa

refletir a respeito de sua prática a luz de novos conhecimentos, e a partir dessa análise e reflexão, possa planejar novas ações, novas intervenções, contribuindo para a sua formação crítica e emancipatória, expressa em práticas pedagógicas diferenciadas com seus alunos.

I.J. comenta que:

Agora, posso ter uma visão crítica, construtiva de orientação sexual vista como utilidade no compromisso de educar com serenidade, respeito, segurança, através do diálogo, filmes, pesquisas, entre outros.

É essa mudança mínima que se espera ao se realizar uma formação de educadores/as, que esse estudo possibilite a ele/a uma mudança significativa de comportamento, de atitudes e principalmente, da forma de pensar a sexualidade em seu cotidiano escolar.

I.M.B. coloca:

A disciplina Educação e sexualidade, assim como o curso de Pedagogia, teve grande importância em minhas relações com as crianças. Percebo a importância de manter um diálogo aberto com as famílias a respeito da educação sexual dos filhos.

Reafirma-se que a família, como primeiro grupo social do qual o ser humano faz parte, deve ser a primeira a educar sexualmente seus membros, a escola deveria ter um papel secundário nessa formação. Portanto, quando esses dois grupos se reúnem para fazer essa educação sexual intencional juntos, numa perspectiva emancipatória, quem ganha são as crianças e adolescentes, pois receberão uma educação sexual planejada, aberta e compreensiva, da família e da escola.

Quanto ao potencial de reflexão dessa categoria, essa reflexão que acontece ainda distante da ação, para Perrenoud (2002, p.36) é sempre retrospectiva e prospectiva. Mas essa reflexão tem como objetivo fazer um balanço, compreender o que deu ou não certo, o que já é significativamente importante.

Para Schön citado por Pimenta (2006, p.200) essa análise, essa busca por novas soluções para os problemas já existentes, uma análise, um diálogo com

outras perspectivas, chama-se reflexão sobre a reflexão na ação, na perspectiva da valorização do professor pesquisador.

3.3 CATEGORIA PROFESSOR REFLEXIVO

O que é o professor reflexivo? Como formar professores reflexivos?

O primeiro grande passo poderia ser a profissionalização docente, que segundo Perrenoud (2002) é uma perspectiva de longo prazo, de um processo estrutural, de uma lenta transformação. Mas essa profissionalização precisa ser desejada por todos os atores do processo, para além das conjunturas e alternâncias políticas partidárias.

Para Schön, citado por Pimenta (2006, p.21) uma das primeiras questões a serem revistas seriam os currículos necessários para a formação de professores reflexivos e pesquisadores, o local dessa formação, e sobretudo, as condições de exercício de uma prática profissional reflexiva nas escolas.

Como será visto nos depoimentos a seguir, a prática reflexiva na escola nem sempre é exercitada, mas também ver-se-á que cabe a todos/as os/as educadores/a buscar serem sujeitos dessa reflexão e da formação para que ela aconteça:

Podemos esclarecer que a sexualidade em nosso dia-a-dia ainda é um tabu, e pouco é comentada em sala de aula. As questões que surgem na sala de aula são explicadas em poucas palavras, pois ainda a maioria dos pais principalmente os do interior, estes não aceitam esse assunto em sala de aula. (L.G.G.)

Adotar uma prática pedagógica reflexiva passa por um trabalho com toda a comunidade escolar, a começar pela participação da família, incluindo-a nas reflexões que serão realizadas em sala, dividindo essa responsabilidade de educar sexualmente, intencionalmente, os seus filhos, pois é a família a primeira responsável por essa educação sexual, seja ela intencional ou não, emancipatória ou castradora.

Como profissional na minha prática cotidiana atuava normalmente, pois sempre procurei me informar sobre os temas mais polêmicos e minuciosos como o da sexualidade. Pedimos um curso de aperfeiçoamento pela

Prefeitura Municipal de nosso município e a Secretária municipal de Educação nos concedeu um curso de aperfeiçoamento sobre sexualidade no cotidiano escolar, o qual nos ajudou a esclarecer nossas dúvidas. Ser muito original e direta sempre foi minha abordagem do assunto sexualidade. (L.B.B.)

Diante desses relatos, vê-se que o trabalho de reflexão, de formação desse profissional reflexivo, e o espaço para essa abordagem reflexiva na escola nem sempre existe, ou é fácil de ser conseguido. Mas há a necessidade de um trabalho continuado de conscientização dos governos, da comunidade escolar e dos próprios educadores para que essa formação exista no cotidiano escolar.

Essa profissionalização está diretamente ligada à formação continuada do professor, onde este pesquisa e reflete sobre e com a sua prática, percorrendo o continuo caminho da ação-reflexão-ação, com boas condições de trabalho bem definidas, que privilegiem momentos de estudo, reflexão e o distanciamento necessário para que esse diálogo da teoria com a prática aconteça sempre. Como diz Teixeira (2003, p.03) “é imprescindível que o professor relativize seus saberes em busca de uma nova “verdade”, entendendo-a também como relativa, refletindo-a constantemente.”

Há que se refletir a respeito da função social da escola, ao educar para a cidadania, e a respeito da importância da formação continuada do professor, aí incluída a questão da educação sexual, para que esta o subsidie, nessa busca constante de uma melhor qualidade de ensino.

É durante esse trabalho que o professor se coloca como um articulador de relações mediadoras de excelência, ao aliar os objetivos e finalidades educativas aos interesses e conhecimentos dos alunos, favorecendo a dialogicidade, processo que envolve o conhecer-se e conhecer o outro, sempre incluída aí a questão da educação sexual, já que sexualidade é dimensão inseparável do existir humano.

Perrenoud (2002), lembra que durante muitos anos esse processo de formação continuada foi feito de forma descolada da prática docente dos alunos-professores a quem era destinada. O formador lhes dizia o que fazer sem perguntar o que eles faziam.

Schön, citado por Pimenta (2006, p.22), propõe que seja valorizada a pesquisa e a prática no processo de formação de professores, e que essa formação

se configure como inicial e continua articulada entre as instâncias formadoras (universidades e escolas).

Também na temática da educação sexual, essa formação para a reflexão pressupõe o estudo aprofundado de história, filosofia, psicologia, para que o educador consiga entender o momento histórico em que está inserido, o contexto; as dimensões filosóficas trazidas nas situações apresentadas e a conjuntura psicológica que se apresentam os indivíduos envolvidos.

Frente a essas três categorias desveladas, retornei aos questionários e percebi mais um caminho desafiador a ser trilhado: senti ser necessária ainda uma análise comparada das respostas das questões 1 e 4 que foram respondidas por todos os educadores e educadoras.

Portanto, fez-se a seguir, a partir dos níveis de reflexão identificados, uma análise comparada da primeira e a última pergunta feita em todos os questionários analisados, com o objetivo de estabelecer uma relação entre a educação sexual que esses/as educadores/as receberam na infância com a sua prática pedagógica de educadora sempre sexuada hoje, como subsídio fundamental para complementar a resposta à pergunta que perpassa esse trabalho: afinal, por que então trabalhar educação sexual intencional nos currículos de formação de educadores?

Esse é, portanto o nome da próxima categoria: Formação de Educadores e Educação Sexual, desvendada na comparação entre as questões citadas acima.

3.4. CATEGORIA FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCAÇÃO SEXUAL

Nessa última categoria serão trabalhadas comparativamente, numa nova perspectiva de análise de conteúdo apoiada ainda em Bardin (1979), a primeira e a última pergunta feita em todos os questionários analisados, com o objetivo de estabelecer uma relação entre a educação sexual que esses/as educadores/as receberam na infância com a sua prática pedagógica de educadora sempre sexuada hoje:

Primeira Questão:

Você como criança e adolescente.

Como você percebeu seu processo de educação sexual na sua família e nas escolas que frequentou? Registre suas percepções abaixo.

Última questão:

Você como professor

Hoje, após o término do Curso de Pedagogia, com a disciplina Educação e Sexualidade: como você percebe a temática no seu cotidiano escolar e como está agindo em relação a ela? Comente sobre seu cotidiano em sala de aula, com seus alunos.

Ao rever essas duas perguntas, será feita agora uma análise com um olhar questionador, não só do nível de reflexão dos/as educadores/as a respeito da sua prática pedagógica de uma educação sexual intencional ou não, emancipatória ou não, mas também de uma possível repercussão dessa educação sexual recebida desde a infância até a vida adulta, na formação deles/as.

Pode-se fazer um paralelo dessas duas fases, questionando como essa educação recebida se reproduz na prática pedagógica desses/as educadores/as, e a partir desse confronto, elencar posicionamentos mais incisivos a serem tomados, na formação dos educadores para que, por meio dessa formação, a abordagem de educação sexual intencional e emancipatória chegue-se aos alunos desde a sua formação inicial na infância até a vida adulta, sempre lembrando que, no processo de trabalho do grupo que gerou esta pesquisa e produziu o questionário, é fator fundamental a sensibilização dos/as educadores/as sobre o desvendamento de que temática sexualidade está sempre presente no cotidiano escolar, e que todo ser humano é sempre, saiba ou não, queira ou não, educador sexual, uns dos outros.

Comparando as respostas de todos os questionários a essas duas perguntas, foram levantadas três sub-categorias :

Sub- categoria 1: da repressão à intenção de mudança

Educadores/as que receberam uma educação sexual repressora na infância e vida adulta, e que antes de receberem a formação na área de educação sexual no curso de pedagogia, exerciam uma prática de educação sexual não intencional, e que após o término do curso com embasamento teórico e já no exercício da docência, demonstram a intenção de trabalharem educação sexual intencional e emancipatória.

Essa é a sub-categoria em que mais se enquadraram os/as educadores/as, um total de 98, praticamente dois terços dos/as entrevistados/as. A proporção se repete na maioria das escolas, pois a maioria dos educadores/as receberam uma educação sexual repressora, onde sexo e sexualidade eram tratados como tabu, como algo feio, proibido, que deveria ser escondido.

É muito difícil para uma pessoa que passou pelo menos a metade da sua vida negando sua sexualidade, escondendo-a, trabalhar intencionalmente com os outros esse tema. Afinal de contas foram anos de negações, de proibições, de auto-punições sem sequer saber o porquê, mas por lhe ter sido ensinado assim.

Piaget (1956, p.26), na sua Psicologia da Inteligência, diz que “a vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas”. Então fica muito difícil para uma pessoa que foi ensinada durante anos a fio a se reprimir, de repente mudar seu comportamento, sua forma de agir.

Difícil sim, mas não impossível, pois para Piaget (1977, p.29), aprender é fazer uma representação das descrições das experiências vividas por outros sujeitos e compará-las com suas próprias experiências para identificar as diferenças e invariâncias.

Segundo ele (1977), a aprendizagem é provocada por situações, provocada por um experimentador psicológico; ou por um professor, com referência a algum

ponto didático; ou por uma situação externa. Ela é provocada, em geral, como oposta ao que é espontâneo.

Para Piaget (1977, p.29) a aprendizagem passa por três fases, a adaptação, que deve ser caracterizada como um equilíbrio entre as ações do organismo sobre o meio e as ações inversas. A assimilação que é a ação do organismo sobre os objetos que o rodeiam. A assimilação mental é a incorporação dos objetos aos esquemas do comportamento, e tais esquemas constituem o esboço de ações suscetíveis de ser ativamente repetidas. E por último a acomodação, que é quando o meio age sobre o organismo.

É tendo contato com novos esquemas que as novas aprendizagens acontecem, e é esse o papel da escola e dos educadores sexuais intencionais, numa perspectiva emancipatória.

Já Feuerstein, segundo Varela (2007, p.102) teórico da área da mediação, coloca sua tese da síndrome da privação cultural, que é entendida como a ausência ou insuficiência de interações sociais específicas, é a privação do indivíduo em sua própria cultura. Varela coloca que, Feuerstein enfatiza que o desenvolvimento cognitivo somente pode acontecer de forma natural e saudável se o indivíduo puder experimentar uma interação humana que lhe forneça os instrumentos para lidar com o mundo.

É o que poderá ser visto nos relatos desses/as esses/as educadores/as: a interação humana que lhes foi proporcionada não lhes forneceu instrumentos na área da educação sexual para lidar com o mundo. Esse aspecto de suas vidas e de sua formação até chegarem ao ensino superior, foi reprimido, negado.

Educador/a não identificado/a, coloca como foi a sua educação sexual:

A educação sexual em minha família nem sempre foi aberta, tratada com clareza. A sexualidade era tida como algo para se aprender mais tarde, em casa não se falava muito nesse assunto. Na escola o assunto era exposto para os alunos na 4ª série, quando já estávamos iniciando a adolescência, existia uma separação entre meninos e meninas e a professora costumava desviar das perguntas.

De que forma esse/a educador/a poderia trabalhar uma educação sexual intencional mais aberta com seus alunos/as, sem ter recebido esse tipo de educação?

Abaixo se pode ver como esse/a educador/a se posiciona e procura trabalhar na sua prática pedagógica com seus educandos, pois ele/a deixou claro que antes de cursar a disciplina educação sexual, essa temática era considerada sem importância, era melhor evitar o assunto:

Sexualidade é um tema bastante complexo devido a diversidade cultural, nem sempre as famílias aceitam que a escola fale sobre isso, porém buscar diferentes formas e momentos adequados para trabalhar esse tema, é necessário observar as crianças e seus comportamentos a partir dessa observação é possível buscar formas lúdicas de compreensão do assunto.

Já V.B. relata a educação ligada a vertente normativa-institucional que recebeu, onde os preceitos da igreja eram seguidos :

Quando criança, na minha família o processo de educação sexual estava preso a um passado onde se repetia costumes, preconceitos, tabus, onde a educação sexual estava mais ligada as normas da igreja. Meus pais e meus professores não se sentiam preparados para falar sobre o assunto.

Mas como auxiliar esses/as educadores/as a se libertarem dessas normas a que foram ensinados a seguir desde a infância? Será a educação superior suficiente para isso, mesmo que em grades curriculares de formação existam espaços para a discussão do tema?

Sabe-se que não é um processo instantâneo, nem fácil, mas precisa ser iniciado, e continuado. Os resultados se apresentam nesses depoimentos que vimos e veremos ainda ao longo desse trabalho. Nem todos/as educadores/as se sentiram a vontade, ou seguros, para já relatarem práticas de educação sexual intencional e emancipatória, mas todos/as sem exceção, mostraram-se sensibilizados e dispostos a modificar sua prática, como veremos no depoimento do/a educador/a V.B.:

Hoje após o término do curso de Pedagogia com a disciplina Educação e Sexualidade, procurei repensar minha prática pedagógica, em relação ao assunto procuro partir de uma segura metodologia de análise da realidade social, fazendo com que a escola seja um espaço privilegiado na luta pelo direito a diferença, respeitando a igualdade na diversidade, envolvendo a escola a família e a sociedade em geral.

Sub-categoria 2: da vivência compreensiva à prática emancipatória...

Educadores/as que receberam uma educação sexual aberta na infância e vida adulta, e que antes de receberem a formação na área de educação sexual no curso de pedagogia, exerciam uma prática de educação sexual intencional, aberta, mas sem embasamento teórico, e que após o término do curso, já no exercício da docência, demonstram indicadores de exercerem uma prática educação sexual intencional e emancipatória.

Nos depoimentos desses/as educadores/as foi possível perceber que receberam uma educação sexual considerada por eles como aberta, pois tinham acesso às informações relacionadas a sexo e sexualidade, tanto informações da área biológica, como diálogo a respeito de sentimentos e atitudes.

A relação que aqui quer se fazer é de que o fato de terem recebido essa educação aberta, de terem tido acesso às informações relacionadas à sexualidade na infância e vida adulta, contribuiu para que essa liberdade, após a contribuição à formação, expressa no curso de Pedagogia pela existência de um espaço de sensibilização e debates, como foi o caso da disciplina Educação e Sexualidade, tivesse reflexos em uma prática cotidiana de uma educação sexual intencional emancipatória, com bases teóricas sólidas, e com a prática constante e sem preconceitos ou receios ao conversar com os alunos.

Nessa sub-categoria se enquadraram 10 educadores/as.

Agora apresenta-se o depoimento de uma das educadoras, que não se identificou:

Desde a minha infância, tanto na escola como em família, tive oportunidade de ter orientação sexual. A minha mãe sempre deu palestras na escola onde eu estudava e em outras escolas, era uma orientadora. Todas as dúvidas que eu pudesse ter, era com ela que eu conversava e até mesmo eu tinha acesso a livros que tínhamos em casa. Lembro-me também que minha mãe sempre respondia o que eu perguntava, às vezes achava que eu ia mais além e ficava esperando. Quando surgia outra dúvida ou curiosidade voltava a conversar com ela. Eu tive muita sorte de ter uma mãe especialista em “educação sexual” isto contribuiu muito para meu desenvolvimento e conhecimento sexual.

Ler esse depoimento, e os outros nove que se encaixaram nessa subcategoria, aumentou a certeza de que a formação intencional de educadores para a prática de uma educação sexual também

intencional e emancipatória é necessária e urgente, pois não podemos deixar que crianças e jovens precisem contar com a sorte de ter alguém na família que seja orientador/a sexual, como no caso do relato. Os /as educadores/as precisam receber formação intencional de qualidade na área, para que com isso tornem-se multiplicadores, com seu alunos e as famílias deles.

Agora, será visto no depoimento dessa mesma educadora, com relação a sua prática após a formação:

Eu percebo que a maioria dos alunos tem poucas informações sobre o tema na família. Quase sempre é a professora a quem pedem informações, ou com colegas e amigos. Sempre que surge alguma curiosidade em sala, procuro explicá-la de forma acessível, conforme a faixa etária da criança. Digo-lhes que é um tema “sério” e que é muito importante aprenderem com pessoas em quem confiem, como os pais e professores. Sinto que sempre que o professor dá uma “abertura” para que os alunos comentem suas dúvidas, o “bate-papo” fica descontraído e interessante. Eu particularmente sinto-me à vontade em abordar o tema com meus alunos, pois estou bem preparada para tal.

É esse preparo que temos que garantir a todos/as educadores, pois a formação inicial que a família deveria trabalhar, nem sempre está presente e isto, acessível, mas na escola poderemos garantir investindo na inserção da temática Educação Sexual nos currículos dos cursos de formação.

No depoimento de M.O., ela relata que recebeu uma educação sexual muito aberta:

A educação sexual que tive na família foi sempre muito “aberta”. Meus pais conversavam comigo e com meus três irmãos, sobre questões importantes como o conhecimento que temos do nosso corpo, o respeito e cuidado que temos que ter com ele, o namoro...Respondiam nossas indagações com cuidado e um sorriso largo no rosto de satisfação, acho que por verem seus filhos se tornando adultos.”

Essa educação sexual aberta recebida serviu como incentivo para que a educadora, apesar de alguns temores iniciais, por não ter a formação teórica na área, mas após ingressar no curso de Pedagogia, relata que pediu ajuda e iniciou seu trabalho como educadora sexual que se descobriu como tal, mas dessa vez com

intencionalidade, com bons e fortes argumentos para discussão e o trabalho com seus alunos, com os colegas de trabalho e principalmente com a participação da família, como veremos a seguir:

Desde que iniciei minha docência sempre tive curiosidade de como seria fazer um trabalho relacionado à sexualidade na escola. Muitas vezes por não ter subsídios e coragem deixei essa vontade de lado com medo de não dar conta do recado e ainda ser reprimida pelos pais. No ano de 2002, estava lecionando para uma turma de quarta série e percebi a carência de informações da mesma em relação ao tema. Foi então que decidi procurar ajuda e informações para desenvolver um trabalho, que foi maravilhoso. Muitas pessoas me auxiliaram nessa tarefa, a nossa tutora, o médico da cidade, e para a minha surpresa, todos os pais, mas todos mesmo. Hoje posso afirmar que tenho segurança em desenvolver atividades referentes ao tema e sempre que posso estou incentivando outros professores a realizar essa prática na escola, para que juntos possamos amenizar tantos problemas que acontecem no cotidiano escolar.

Essa parceria com outros educadores da escola e com os pais é a melhor forma de trabalhar intencionalmente a educação sexual, pois a família que é a primeira instituição a educar uma criança, também deve estar preparada para fazê-lo, e quando se sentir insegura em fazê-lo, deve sim procurar a escola, e vice-versa.

Esse trabalho em conjunto tem muito mais chances de dar certo do que quando é feito de forma isolada. Com a participação de todos, os discentes se sentirão mais seguros, pois todos os seus grupos sociais falarão uma mesma linguagem básica ao conversarem a respeito da sexualidade e suas implicações.

Sub-categoria 3: da sensibilização que apontou caminhos para a mudança

Educadores/as que receberam uma educação sexual repressiva na infância e vida adulta, e que antes de receberem a formação na área de educação sexual no curso de pedagogia, exerciam uma prática de educação sexual não intencional e evasiva, mas que após o término do curso, já no exercício da docência, demonstram indicadores de exercerem uma prática educação sexual intencional e emancipatória.

Essa descrição de que a prática desses/as educadoras era evasiva dá-se pelo fato deles/as relatarem que se eximiram de responder aos questionamentos

feitos pelos alunos, ignoravam atitudes e anseios deles no cotidiano da sala de aula, como será visto mais a frente na descrição dos depoimentos dados. Nessa categoria se enquadraram 13 educadores/as.

Para a educadora M.A.P. a educação sexual que ela recebeu era enquadadora:

A educação sexual bem como a sexualidade estavam enquadradas no meio em que vivia, mas suscitavam muita polêmica e tabus. Quando ouvíamos falar de sexualidade, a tendência era o pensamento de genitalidade e reprodução, não estavam relacionados ao sentimento de afeto, nem tão menos ao prazer, namoro e projeto de vida. Era algo como meramente cuidar do corpo e determinar masculino e feminino, obedecer certas regras, o diálogo era restrito.

Para essa educadora a educação sexual recebida, apesar de ter sido intencional, foi repressora, seguindo a vertente médico-biológica, onde educação sexual é vista como algo somente biológico, restrita aos órgãos genitais e seu funcionamento, deixando de lado as emoções, sentimentos e desejos. A educação sexual nesse caso ainda foi usada com o intuito de estabelecer questões repressoras de gênero.

Após cursar a disciplina de educação sexual, essa educadora demonstra ter se sensibilizado com relação há necessidade de trabalhar sexo e sexualidade na sala de aula:

Hoje procuro despertar a consciência do aluno para a valorização do corpo, bem como para seu conhecimento científico e consciência que o sexo é uma estrutura biológica-genética que é básica do ser humano. Vejo que a educação sexual eficaz prepara o indivíduo desde cedo, para que a maturidade o encontre com o mínimo de complexos negativos, com a máxima capacidade de gozar os prazeres da vida. Sei também, que como educadora a segurança ao responder, trabalhar questões relacionadas a sexualidade é imprescindível, pois uma postura insegura ou mesmo uma resposta duvidosa, poderá levar o aluno ao anseio ou ao desinteresse pelo fato, quando não a buscar meios errados de solucionar seus anseios.

O que se percebe nesse depoimento é que a educação sexual que essa educadora pratica possui traços da educação que recebeu, por evidenciar a questão biológica, o que não poderia ser diferente, mas ela também se preocupa com as bases teóricas para sua argumentação, quando menciona a segurança necessária ao responder aos alunos. Demonstra ainda que essa educação sexual intencional

deve ser trabalhada desde cedo, e admite que devemos ser educados para gozarmos “os prazeres da vida”, contrariando os preceitos de que o sexo é feio, e que deve ser praticado somente para a reprodução.

Para M.B.G., essa foi educação sexual com que teve contato:

No que refere-se a minha educação sexual no seio familiar e nas escolas que estudei posso afirmar que veio na vertente normativa institucional. Tudo era proibido e feio, vivia como uma cadela com coleira, acorrentada principalmente pela família. Mãe? Professora? Falar em sexo nem pensar. Éramos todos assexuados. Até os meus doze anos passou batido, era tão inocente que não lembro de ter pensado em sexo, transa, amor, ou algo inerente a ele, só sei que era vergonhoso. Tanto é que fiquei menstruada aos doze anos, e escondi de todos, tinha vergonha.

Esse relato é semelhante a muitos outros que recebemos, e foi, e é também a realidade de muitas meninas em todo país, dependendo da região do país, da religião adotada, da política educacional da escola, pois ainda hoje é possível identificar essa falta de informação, essa falta de comprometimento com a educação sexual intencional das crianças e jovens, causada pela falta de preparo das famílias e dos/as educadores/as.

A vertente normativa-institucional de educação sexual a qual a educadora se refere nem mesmo lhe oportunizou os conhecimentos biológicos básicos para que ela estivesse preparada para a sua menstruação, como algo pelo qual todas as meninas passam. Ao negar essa informação, e também toda a emoção que esse acontecimento carrega, essa família e a escola deixaram-na à margem, fazendo-a sentir-se envergonhada.

Há que refletir até a que ponto chega a negligência ou despreparo de uma família com os sentimentos e situações que surgem na vida de uma criança: um ser humano relata ter se sentido como uma “cadela na coleira”!

Mas o que esperar como prática de educação sexual nas escolas, quando essa temática intencionalmente não fez parte e ainda não faz parte do currículo nos cursos de formação de educadores? Ou melhor dizendo, faz parte sim, mas parte de um currículo oculto repressor que aliena o ser humano dessa maravilhosa dimensão que é a sexualidade...

É a necessidade dessa formação intencional numa perspectiva emancipatória na área da educação sexual que queremos evidenciar, ao confrontar esses

depoimentos de antes e após a formação, pois eles evidenciam que houve realmente sensibilização para a temática, como veremos no depoimento dado por M.B.G., ao responder a última questão:

Depois de muito ter estudado, consegui entender muita coisa que desconhecia. Quanto a minha prática pedagógica procuro dar minha opinião mas sem impor aquilo que penso. Sei que meu papel é de conscientizá-los sobre a responsabilidade e nas consequências sobre suas ações e refletir sobre cada uma. Outro fator que procuro deixar bem claro aos meus alunos é o respeito que devemos ter com os outros e com si próprio, valorizando o seu corpo. Procuro trabalhar com tudo o que aprendi nos pequenos acontecimentos na sala de aula e no pátio escolar. Hoje falo com segurança sobre a sexualidade com qualquer um, não tenho mais vergonha. O que sinto falta é de uma conversa franca com os pais dos alunos porque tenho certeza que a maioria dos pais não sabem ainda orientar seus filhos, mas falta apoio das colegas nesse sentido, falta coesão, para fazermos um bom trabalho com todas as classes. Outro assunto que gosto muito de discutir com meus alunos é sobre o padrão de beleza lançado diariamente pela mídia, o comércio feito com o corpo, cremes, perfumes, vestuários, calçados, carros, etc. Já a liberalização ou banalização do sexo na atualidade, fazer sexo por fazer, sem afeto, sem respeito, sem amor e sem responsabilidades, mas isso converso às vezes com os adolescentes.

Esse depoimento demonstra que, mesmo sendo apenas uma disciplina obrigatória em um curso de formação de educadores/as, seu objetivo de sensibilizar os/as acadêmicos, hoje educadores, foi atingido e até ultrapassado.

A educadora, além de ter se sensibilizado com a temática, relata trabalhar na prática uma educação sexual intencional e emancipatória. Utiliza as bases teóricas trabalhadas no curso e faz o diálogo dessa teoria com a prática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dessa pesquisa, que envolveu a leitura dos depoimentos dos/as educadores/as, a categorização desses depoimentos, um estudo teórico relacionado à prática docente, à prática docente para a educação sexual, para a sexualidade e sobre os padrões estabelecidos em diferentes épocas e momentos históricos, foi possível levantar alguns indicadores para uma possível reorientação curricular, com o intuito de aperfeiçoar a prática docente na área da Educação Sexual.

Como foi observado nos relatos, após a formação, é possível a implementação de uma práxis intencional da educação sexual. Considerando práxis como Pimenta (2001, p.36) “a atividade docente é uma atividade de educação. Se entendermos a educação como prática social, então a atividade docente é uma prática social (práxis).

A investigação indicou como subsídios para a reorientação curricular e pedagógica da disciplina e do curso de Pedagogia, que o processo de construção do profissional em formação, inclusive na questão da produção de materiais pedagógicos, por exemplo, reflita a necessidade de inserir esta categoria professor reflexivo como uma das competências necessárias ao/a pedagogo/a. Sempre entendendo currículo como coloca Silva apud Goodson (1995, p.8):

Isso implica não ver o currículo como resultado de um processo social necessário de transmissão de valores, conhecimentos e habilidades, em torno dos quais haja um acordo geral, mas como um processo constituído de conflitos e lutas entre diferentes tradições e diferentes concepções sociais. Esse processo é tão importante quanto o resultado.

Essa discussão a respeito do currículo precisa contemplar toda a comunidade educacional, não apenas os pesquisadores da área, para que, nesse currículo adotado, sejam refletidos os anseios e discussões em todos os âmbitos e dimensões da sociedade e não apenas os saberes que setores da academia julgam pertinentes. Há que se incluir a educação sexual intencional nos cursos de formação como forma de amenizar essa lacuna existente, que se transfere para a prática docente e, conseqüentemente, para a formação de alunos/as cerceados em um dos seus

direitos fundamentais, o de receber subsídios que apontem para uma educação sexual emancipatória, e de ser visto como ser pleno em todas as dimensões humanas.

É preciso parar de imaginar que se trabalha com alunos ideais, sem problemas e conflitos, de praticar uma educação bancária, e principalmente de tratar esses educandos como seres assexuados e desprovidos de sentimentos e emoções. Parar de considerar que ensinar como funciona o aparelho reprodutor e a função da camisinha é tudo o que deve ser feito no âmbito da educação sexual.

É inaceitável que se continue a reproduzir esse modelo de educação sexual vigente, onde sexo e sexualidade são negados e reprimidos, ou transformados em mercadoria. Esses educadores/as serão os multiplicadores de tudo isso, portanto há que se considerar que essa mudança na formação inicie por eles/as.

Esse estudo também apontou que é necessária a inclusão de novas metodologias de trabalho no processo ensino-aprendizagem, que estimulem a formação de um profissional crítico, enfatizando a categoria do professor reflexivo, pois não é possível constituir-se um educador que se entenda também como educador sexual se antes, e sempre, não for reflexivo.

Os depoimentos desses/as educadores/as apontaram que há a necessidade de cada educador e educadora refletirem sobre sua própria educação sexual, e o modo como vem educando seus/as alunos/as, para depois construírem projetos intencionais de uma educação sexual que se pretenda compreensiva e emancipatória. E essa reflexão individual deve depois, ser partilhada no coletivo escolar.

Pimenta (2006) lembra que há três pontos a serem considerados para a reflexão coletiva:

O primeiro é que a atenção do professor dirige-se tanto para sua própria prática como também às condições sociais externas em que ela ocorre; em segundo lugar temos a prática reflexiva marcada por uma tendência democrática e emancipatória, onde se consideram importantes decisões do professor no que compete às questões que conduzam a situações de desigualdade e injustiça dentro da sala de aula; é necessário respeitar as diferenças. Um outro pressuposto é o compromisso com a reflexão, enquanto prática social, constituindo assim a construção coletiva da prática dos professores, visando a sustentabilidade do grupo, conduzindo, assim, a possíveis mudanças institucionais e sociais.

É essencial que se pense em todos esses aspectos, pois essa reorientação na prática dos/as educadores/as e de seus processos de formação precisa considerar que essa mudança só será significativa se acontecer de forma coletiva, inicialmente com um grupo de educadores/as, a seguir em toda uma escola, e posteriormente, quem sabe, em todos os cursos de formação de educadores.

Portanto, fica clara a necessidade da formação continuada reflexiva dos/as profissionais da educação para que possam construir a competência reflexão-ação-reflexão no seu planejamento e no cotidiano escolar. E todos esses indicadores sempre plenos da dimensão indissociável do existir humano, a sexualidade.

A educação sexual precisa ser vista como tema intencional a ser debatida e incluída em todos os currículos dos cursos de formação de educadores, já que a educação sexual própria de um currículo oculto está vigente, mesmo que muitos não a percebam.

Esta inclusão consciente e crítica será fator multiplicador junto a esses educadores/as, na direção de transformar as práticas castradoras, discriminatórias, alienantes hoje existentes. Ao formar multiplicadores de uma prática de educação sexual emancipatória, será possível colaborar com o processo de formação de seres humanos que não sejam frustrados e desconhecedores da própria sexualidade, e portanto, cidadãos e cidadãs incompletos.

Existe sim a possibilidade concreta de que práticas de uma educação sexual crítica e emancipadora cheguem a todos os alunos, e não somente àqueles poucos privilegiados, que possuem famílias mais compreensivas. Talvez se possa diminuir a quantidade de relatos como os que gentilmente nossos/as pesquisados/as fizeram: “sentia-me como uma cadela na coleira”, ou “aos 42 anos descobri minha sexualidade”, ou “na minha educação sexual tudo era considerado proibido, feio, sujo”.

A sexualidade precisa ser tratada como a maravilhosa dimensão humana que é, e por isso deve ser tratada com responsabilidade, respeito e propriedade. O que os humanos construíram os humanos podem reconstruir.

Esse deve ser o trabalho de todos os educadores/as, estabelecer relações mediadoras, que ressaltem estudos e as atitudes na área da educação sexual, para que tenhamos progressivamente modificações no modo de pensar, ver e agir com essa dimensão humana.

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho,
na ação-reflexão”.*

Paulo Freire

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 225 p.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1985. 144p.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Ed. da UEL; Campinas: Mercado das Letras, 2006. 328 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977. 148 p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 44.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 213 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1989. 128 p.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 lix, 1986 p.

NUNES, César Aparecido. **Filosofia, Sexualidade e Educação**: As relações entre os pressupostos éticos-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre educação escolar. Campinas, SP: UNICAMP. 1996. 330p.tese.

MAAR, Wolfgang Leo. Educação crítica, **Formação Cultural e Emancipação Política na Escola de Frankfurt**, in: PUCCI, Bruno(org.). Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994.

MELO, S.M.M. e POCÓVI, R. M. S. **Caderno Pedagógico- Educação e Sexualidade**. Florianópolis: UDESC, 2002.

MELO, Sonia Maria M.; FREITAS, Márcia; BRASIL, Carla Sofia D. **Uma contribuição a formação de educadores:** inserção curricular da disciplina Educação e Sexualidade no curso de Pedagogia, modalidade a distância, no CEAD/UDESC, IN: RIBEIRO, Paulo R.M. 2006, 234p.

MELO, Sonia Maria M.; BRASIL, Carla Sofia Dias; CONCEIÇÃO, Mário José da. **Relatório final de Pesquisa de Iniciação Científica: Contribuições da disciplina Educação e Sexualidade ao currículo do Curso de Pedagogia na modalidade a distância CEAD/UDESC:** um estudo das reflexões pedagógicas da Turma II. Relatório de pesquisa, UDESC. 2004.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002. 232 p.
_____, Philippe. **Pedagogia diferenciada:** das intenções a ação. Porto Alegre: Artmed, 2000. 183 p.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética ; Sabedoria e ilusões da filosofia ; Problemas de psicologia genética.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 294 p.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1977. 178 p.

PIMENTA, Selma Garrido. GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 224 p.

_____. **O estágio na formação de professores.** Unidade Teoria e Prática? São Paulo: Cortez, 2001.

POGREBINSCHI, Thamy. **Emancipação:** um conceito em busca de uma teoria. Rio de Janeiro: Anais do 4º Encontro Nacional da ABCP – Associação Brasileira de Ciência Política, PUC – Rio de Janeiro, julho de 2004.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Teoria crítica e educação:** a questão da formação cultural na escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1995. 197 p.

REBOUL, Olivier. **A filosofia da educação.** Lisboa: Edições 70, 2000.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990. 66p.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade e educação sexual:** apontamentos para uma reflexão. São Paulo: Laboratório Editorial: Cultura Acadêmica, 2002. 136 p

RIBEIRO DA SILVA, Lenildes. **Educação e Emancipação**: As Contradições inerentes ao mundo contemporâneo Education And Emancipation: The Inherent Contradictions To The Contemporary World. Linhas, Brasília, DF, 7.2, 05-06-2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/linhas/ojs/viewarticle.php?id=144>>. Acesso em: 02 09 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. 176 p.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, Educação e Educação Sexual** : matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana Campinas, SP : [s.n.], 2001.

VARELA, Aínda. **Informação e Autonomia**: a mediação segundo Feuerstein. São Paulo: Editora Senac, 2007. 368p.

ANEXOS

Florianópolis, março de 2005.

Prezado aluno(a)

Gostaríamos de contar com a sua colaboração no nosso estudo sobre a disciplina EDUSEX.

Estamos estudando os textos produzidos pela Turma III, aqueles sobre a disciplina “educação e sexualidade e suas contribuições para a sua prática pedagógica”.

Nosso objetivo é conversar mais de perto com você, olhando detalhadamente para o seu cotidiano escolar, a sua realidade, a sua sala de aula, na questão mais específica deste tema transversal que é a educação sexual.

Para isto, precisamos de sua ajuda: por favor, responda ao questionário anexo. Faça isto sem preocupações outras que não a de colaborar com o curso, na sua busca de aperfeiçoamento. Isto porque a sua contribuição servirá para a avaliação da disciplina, e não de você ou de sua prática em sala de aula.

Por favor, após responder o questionário com seu jeito especial de ser, coloque-o no envelope selado e já endereçado que está sendo enviado em anexo e envie-o a nós, colocando-o no correio.

Agradecemos desde já sua preciosa colaboração. Qualquer dúvida, pode ligar para professora Sonia Melo no telefone 048-2319429.

Um abraço carinhoso e muito obrigada de Sonia, Carla Sofia e Ana Paula (equipe EDUSEX da pesquisa).

Atenção:

A devolução deverá acontecer até no máximo uma semana após a data da entrega.

IDENTIFICAÇÃO

NOME:

Data de nascimento:

Localidade:

Poder Judiciário

São Paulo, SP, Brasil, 1970-01-01, 40 anos, branco, solteiro

Samuel [redacted] Campos e Gomes

Estrada quilômetro do Emanuel de [redacted]

Trabalha como [redacted] [redacted]

Poder Judiciário

São Paulo, SP, Brasil, 1970-01-01, 40 anos, branco, solteiro

[redacted] [redacted]

[redacted] [redacted]

[redacted] [redacted]

[redacted] [redacted]

[redacted] [redacted]

[redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] São José do Rio Preto

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

Nome:

Relembrando...

1. Você como criança e adolescente.

Como você percebe o seu processo de Educação Sexual na sua família e nas escolas que você frequentou? Registre suas percepções abaixo.

Percebe-se maior interesse pela descoberta do seu próprio corpo desde a educação infantil até a adolescência, pois mesmo sendo idades diferentes, as preocupações e dúvidas de cada criança fazem com que ela questione o professor, por falta de esclarecimento de algumas famílias, pois seus pais sentem-se unibidos ao se expressarem diante de seus filhos, a respeito do assunto.



2. Você como adulta: filha, mãe, esposa etc.,

Como você percebe esse processo de educação sexual acontecendo em sua vida adulta?

Registre suas percepções abaixo.

Entendemos ser muito importante o papel da família como a principal fonte de informação sexual.

Para que possamos nos sentir seguros, precisamos da escola, da família e da comunidade. Para se falar em sexualidade, temos que falar em história, biologia, psicologia, sociologia, antropologia, etc., englobando fatores biológicos e psicológicos de todas as épocas.

Em alguns aspectos, estamos ainda longe de uma sexualidade que abranja todas as possibilidades de vida em relação à sexualidade. Ainda há muito a ser feito.

É também muito importante que tenhamos propostas alternativas, atividades que possam ajudar os adolescentes a crescerem com tranquilidade e segurança.

3. Você como professora:

3.1 Antes do curso e da disciplina, como você percebia a temática no seu cotidiano escolar, e mais especificamente junto aos seus alunos? Como você agia em relação ao tema?

Percebe-se que tanto a escola quanto a família vêm se mantendo omissas no que se refere a educação sexual. Por vezes ficam num jogo de encargos e responsabilidades e a outros a função de educar socialmente.

Nós como educadores frequentemente apontávamos os pais como um dos maiores impeditivos para se abordar a sexualidade na escola. Isto nos revela quanto equivocados estávamos acerca do assunto.

Agora pensamos que também na escola a E D U S E X tem papel fundamental, pois muitas vezes os pais têm limitações intelectuais ou são imaturos para tratar destas questões.

A oferta por parte da escola de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares.

Agora sabemos que o professor transmite valores com relação a sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não as questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha consciência

específica para falar da sexualidade com os alunos. Se a escola que se ocupa deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos buscando promover o projeto pelo conhecimento e interação com ela. necessitam, para isso, trabalhar

3.2 Hoje, após o término do Curso de Pedagogia, com a disciplina Educação e Sexualidade: como você percebe a temática no seu cotidiano escolar, e como está agindo em relação à ela? Comente sobre seu cotidiano em sala de aula, com seus alunos.

Na educação infantil percebe-se que o tema sexualidade de é pura curiosidade, principalmente entre os de 2 anos, mas possuem malícia. As vezes usam nomes "vulgares" para definir coisas sexuais. Cuidado que estes termos eles ouvem em casa com irmãos ou com seus amigos.

Quando somos questionados, chamados a sanar alguma dúvida, ou até mesmo quando ouvimos estes termos vulgares, tratamos o assunto com bastante naturalidade, usando termos corretos sem corrigi-los. Pois somos um corpo por inteiro, e que devemos valorizar e respeitar todos os partes dele.

Como estamos estudando o "EU", estudamos o corpo da criança e uma das atividades realizadas é a de desenhar o corpo na calçada nomeando todas as partes. É preciso que a criança respeite seu colega, trate o assunto com naturalidade e que estes deverão morrer.